

ANO 1 - NÚMERO 1 - NOVEMBRO 2014

Xapuri

SOCIOAMBIENTAL

R\$ 7,90

**ISOLADOS,
BRAVOS, LIVRES**
UM BRASIL INDÍGENA
POR CONHECER **pg 18**

**GASTRONOMIA
CERRATENSE**
SABOR MARCANTE
DO PEQUI REFORÇA
VALORES DA TRADIÇÃO **pg 34**

**ENCANTOU-SE
A DONA SINHÁ**
MULHER MAIS IDOSA
DO ENTORNO/DF
MORRE DE TANTO VIVER **pg 39**

CONDOMÍNIO



... ——— ○ ——— ...
A·S·A·S · D·O·U·R·A·D·A·S

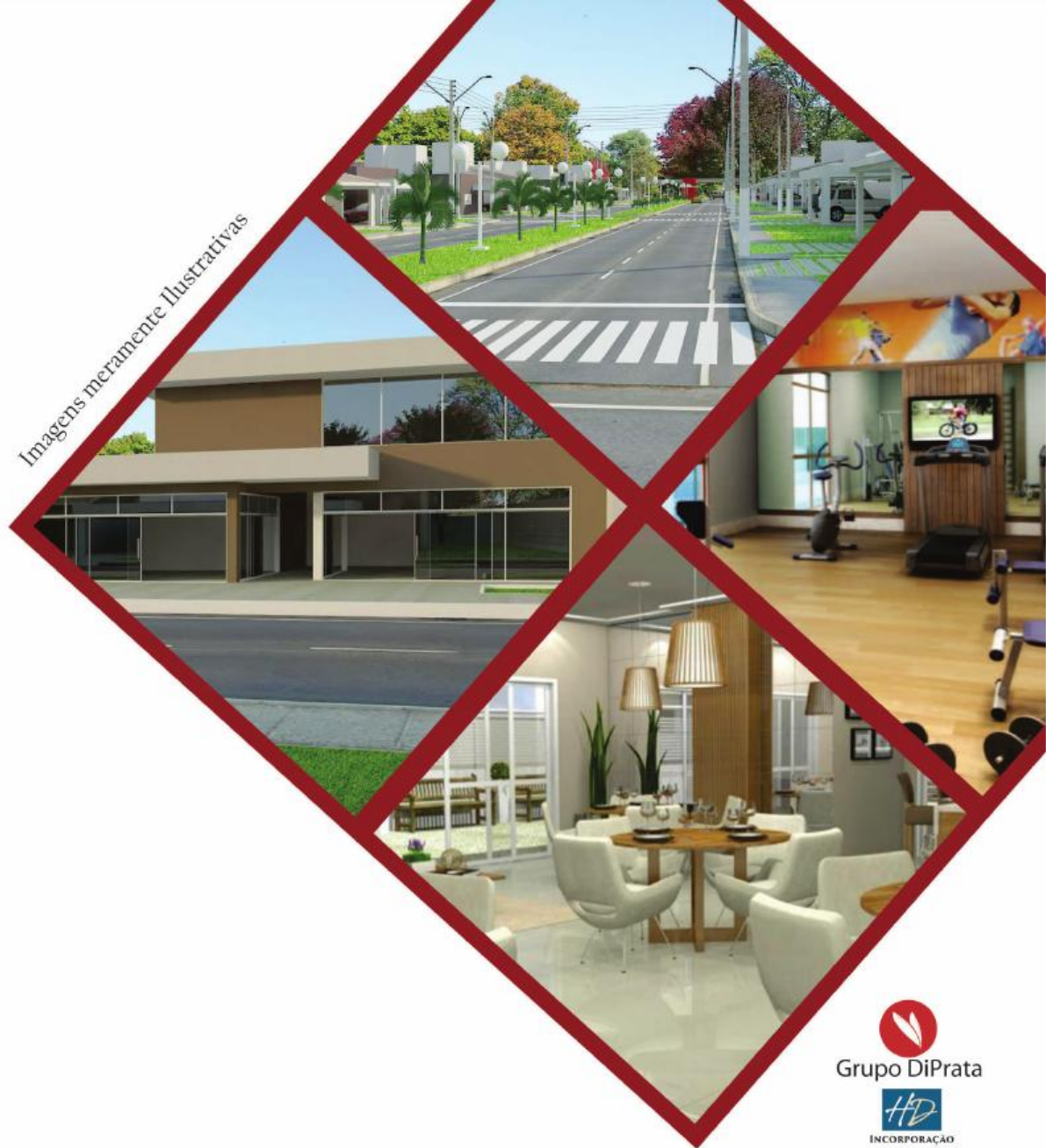
Conforto e Qualidade de Vida

Paraíso do Bem-Viver no Coração de Formosa
a menos de 80 km de Brasília

- SEGURANÇA NA PORTARIA
- MONITORAMENTO 24H
- REDE ELÉTRICA
- REDE DE ESGOTO
- ESPAÇO FITNESS
- PISTA PARA CAMINHADA
- ACESSIBILIDADE
- ASFALTO



Imagens meramente Ilustrativas



Condomínio Asas Douradas

Rua Heitor Vila Lobos - setor Jardim Califórnia - Formosa - Goiás
(ao lado da Loja Maçônica)

Preços somente com os corretores, por telefone, ou na Imobiliária DiPrata

(61) **3631.8029 / 8625.7084**





Xapuri - Palavra herdada do extinto povo indígena Chapurys, que habitou as terras banhadas pelo Rio Acre, na região onde hoje se encontra o município acreano de Xapuri. Significa: "Rio antes", ou o que vem antes, o princípio das coisas.

Boas-Vindas!



www.xapuri.info



O QUE VEM ANTES

Em novo estudo sobre as mudanças climáticas, a Organização das Nações Unidas (ONU) nos traz novas e preocupantes evidências dos impactos negativos da atividade humana sobre a vida na Terra. As revelações foram feitas no recente Painel Intergovernamental de Mudanças Climáticas (IPCC), promovido pela entidade, que alerta sobre o aquecimento global.

Segundo o documento, os cientistas têm 95% de certeza de que o desmatamento e a emissão de gases poluentes por meio da queima de combustíveis fósseis são as principais causas do aquecimento registrado desde meados do século XX. Ou seja, para que nosso planeta sobreviva, as nações terão que fazer mudanças drásticas em suas economias e na condução de suas políticas socioambientais.

No Brasil, mesmo as pessoas mais céticas começam a sentir o efeito das mudanças climáticas em suas próprias vidas. A seca do Sistema Cantareira, em São Paulo, e a falta de chuvas em vários outros estados brasileiros ganharam espaço na mídia e na preocupação da população. Evitar o agravamento da situação é tarefa dos governos, das entidades e das pessoas, no mundo inteiro.

Aqui no Planalto Central, bem como nas demais regiões brasileiras, a ocupação desordenada tem provocado a degradação do ambiente e da cultura popular. O Cerrado, o Pantanal Mato-Grossense, a Amazônia, todos os biomas brasileiros e suas populações padecem com essa interferência. Entretanto, temos a certeza de que a mudança da consciência de todos e todas nós, agentes desse processo, é algo que podemos alcançar, antes de seguirmos adiante.

É com esse objetivo que surge esta revista. A **Xapuri Socioambiental** optou por compartilhar conhecimento. Nesta edição e nas que virão daqui para a frente, a cada mês, você encontrará informações relevantes para fazer a sua parte na construção desse outro mundo ainda possível.

Boa Leitura!

Jaime Sautchuk

Zezé Weiss

“
Vem, vamos embora, que esperar não é saber.
Quem sabe faz a hora, não espera acontecer.”
Geraldo Vandré

COLABORADORES/COLABORADORAS NOVEMBRO

Aldimar Nunes Vieira – Fotógrafo. **Anderson Blaine Melo Ferreira** – Web Designer. **Amanda Lima** – Publicitária. **Bárbara Carneiro** – Artista Plástica. Ilustradora. **Carlíno França Teixeira Rodrigues** – Artista Plástico. Designer Gráfico. Produtor Cultural. **Daniel Caltabiano** – Acupunturista, formado pela Escola Nacional de Acupuntura em Brasília. Terapeuta dedicado à promoção de um estilo de vida mais natural e de uma medicina menos intervencionista. **Eduardo Weiss** – Cientista Social. Produtor Cultural. **George Diab** – Jornalista. Presidente da Associação do Bonito. **Guilherme Cobelo (Joe Silhueta)** – Historiador. Músico, compositor e escritor. Tem um sebo ambulante chamado Dom Caixote. **Iêda Vilas-Boas** – Escritora e Mestre em Literatura pela UnB. **Jaime Sautchuk** – Jornalista e Escritor. Desenvolve trabalhos com cinema, produção cultural, educação e mobilização social. **Janaina Faustino** – Gestora Ambiental. Turismóloga. **Lúcia Resende** – Revisora. Mestre em Educação pela UnB. Relações Públicas da Associação das Pessoas com Deficiência de Formosa – Goiás. **Marcelo Abreu** – Jornalista. **Maria Helena Schuster** – Psicóloga. Redatora e Revisora. **Mayra Vilas-Bôas Bueno** – Professora. **Priscilla Miranda** – Gerente Financeira. **Priscila Silva** – Psicopedagoga. Gerente de Projetos. **Rui Faquini** – Fotógrafo. **Socorro Alves** – Mobilizadora Social. **Thais Maria Pires** – Jornalista. **Tereza Almeida** – Pedagoga. Co-Coordenadora do Encontro do Bonito de Culturas Populares. **Zezé Weiss** – Jornalista. Mestre em Jornalismo Socioambiental pela Universidade de Nova York – NYU.

CONSELHO EDITORIAL

1. Jaime Sautchuk
2. Zezé Weiss
3. Graça Fleury
4. Juan Pratginestos
5. Marcelo Manzatti
6. Neusimar Coelho
7. Priscila Silva
8. Socorro Alves
9. Ronei Alves
10. Rui Faquini



EXPEDIENTE

Xapuri Socioambiental

Telefone: (61) 3044 7755. E-Mail: revista@xapuri.info. Razão Social: Xapuri Socioambiental Comunicação e Projetos Ltda. CNPJ: 10.417.786\0001-09. Endereço: BR 020 KM 09 – Setor Village – Caixa Postal 59 – CEP: 73.801-970 – Formosa, Goiás. Atendimento: Janaina Faustino (61) 9611 6826. Edição: Jaime Sautchuk (61) 9918 0933 – Zezé Weiss (61) 9974 3761. Revisão: Lúcia Resende, Maria Helena Schuster. Produção: Zezé Weiss, Amanda Lima, Eduardo Weiss. Jornalista Responsável: Thais Maria Pires - 386/GO Capa: Foto Maloca Korubo – Acervo Funai. Tiragem: 3.000 exemplares.



Xapuri

SOCIOAMBIENTAL

01 NOV 14

39 **MEMÓRIA**
Encantou-se a Dona Sinhá

34 **GASTRONOMIA CERRATENSE**
Sabor marcante do pequi
reforça valores da tradição

12 **ACONTECEU**
Outubro rosa

13 **ACONTECENDO**
Novembro azul

14 **PLANALTO CENTRAL**
Contando nossa História

17 **AGROECOLOGIA**
Sementes Crioulas,
sementes da esperança

18 **POVOS INDÍGENAS**
Isolados, bravos, livres.
Um Brasil indígena por conhecer

20 **ENTREVISTA**
Carlos Travassos

08 **BRASÍLIA**
Primavera candanga

36 **LITERATURA**
Ler...para quê? A importância
da leitura da literatura

10 **AGENDA BRASIL**
Dia Nacional da Consciência Negra

43 **QUALIDADE DE VIDA**
Saúde e as 4 estações

24 **ECONOMIA CRIATIVA**
Catarse e a cultura do
financiamento coletivo

46 **MEIO AMBIENTE**
Política Nacional de Resíduos Sólidos

28 **ECOTURISMO**
Linda Serra dos Topázios

49 **MOBILIDADE URBANA**
Acessibilidade: Por quê? Para quem?

30 **CULTURA POPULAR**
Encontro do Bonito
de culturas populares

50 **CULTURA ECOLÓGICA**
Carlínio França

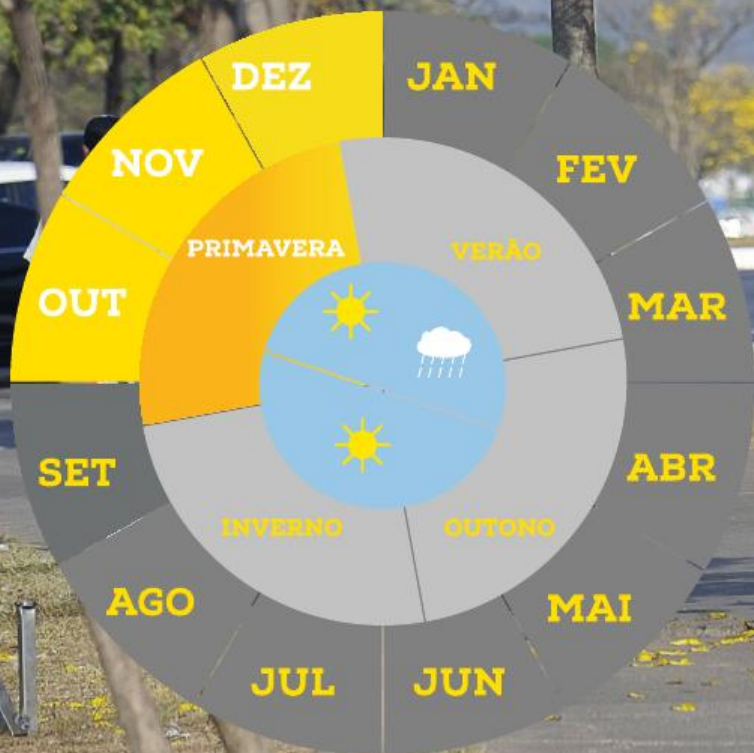


PRIMAVERA CANDANGA

Bonita a primavera em Brasília.

Sob calor intenso e baixa umidade, a Capital Federal se borda em flores, no aguardo da temporada das chuvas.







DIA NACIONAL DA CONSCIÊNCIA NEGRA

Priscila Silva

O Brasil celebra o dia 20 de novembro como Dia Nacional da Consciência Negra, em homenagem a Zumbi dos Palmares, herói da resistência contra a escravidão e a discriminação racial no Brasil. Primeiro feriado brasileiro originário da mobilização do Movimento Negro.

2011 - Lei 12.519, sancionada pela presidenta Dilma Rousseff, cria o Dia Nacional da Consciência Negra como feriado facultativo. Hoje, mais de 800 municípios brasileiros celebram o Dia Nacional da Consciência Negra. **2003** - Lei 10.639 institui a celebração do dia 20 de Novembro, Dia Nacional da Consciência Negra, como parte do calendário escolar e torna obrigatório o ensino da História e Cultura Afro-Brasileira na grade

curricular das escolas. **1978** - O Congresso do Movimento Negro Unificado determina o dia 20 de Novembro como Dia Nacional da Consciência Negra. **1971** - O Grupo Palmares, do Rio Grande do Sul, revela a data da morte de Zumbi, um dos ícones da República de Palmares.

ZUMBI DOS PALMARES

O Líder Negro de Todas as Raças

1600 - Negros e negras fugidos de engenhos e fazendas na Capitania de Pernambuco fundam o Quilombo dos Palmares.

1630 - Os holandeses invadem o Nordeste brasileiro. **1644** - Tal como antes falharam os

portugueses, os holandeses falham na tentativa de aniquilar o Quilombo dos Palmares. **1654** - Os portugueses expulsam os holandeses do Nordeste brasileiro. **1655** - Nasce Zumbi, em um dos mocambos de Palmares. **1662 (?)** - Criança ainda, Zumbi é aprisionado por soldados e dado ao padre Antônio Melo, da Capitania de Pernambuco. Zumbi é batizado, passa a ajudar nas missas e a estudar Português e Latim. **1670** - Zumbi foge e regressa a Palmares. **1675** - Na luta contra os soldados portugueses comandados pelo sargento-mor Manuel Lopes, Zumbi revela-se grande guerreiro e organizador militar. **1678** - Pedro de Almeida, governador da

Capitania de Pernambuco, propõe ao chefe Ganga Zumba a submissão do Quilombo, com a alforria para os quilombolas de Palmares. Ganga Zumba aceita. Zumbi é contra e resiste, por não admitir a liberdade apenas para

alguns negros e não para todos. **1680** – Zumbi impera em Palmares e comanda a resistência contra as tropas portuguesas. **1694** – Domingos Jorge Velho e Vieira de Mello comandam o ataque final contra a Cerca do Macaco, principal

mocambo de Palmares. Embora ferido, Zumbi consegue fugir. **1695**, 20 de Novembro – Zumbi é preso e degolado em combate, defendendo seu povo e sua comunidade no Quilombo dos Palmares. **1710** – Palmares se desfez.



QUILOMBO DOS PALMARES

Quilombos eram comunidades estrategicamente encravadas em locais de difícil acesso entre matas, florestas e montanhas, onde os escravos e escravas que conseguiam fugir das prisões e das fazendas se refugiavam e formavam suas “Repúblicas Livres”, com populações variadas de dezenas a milhares de pessoas.

O mais famoso dos Quilombos foi o de Palmares, também chamado pelos

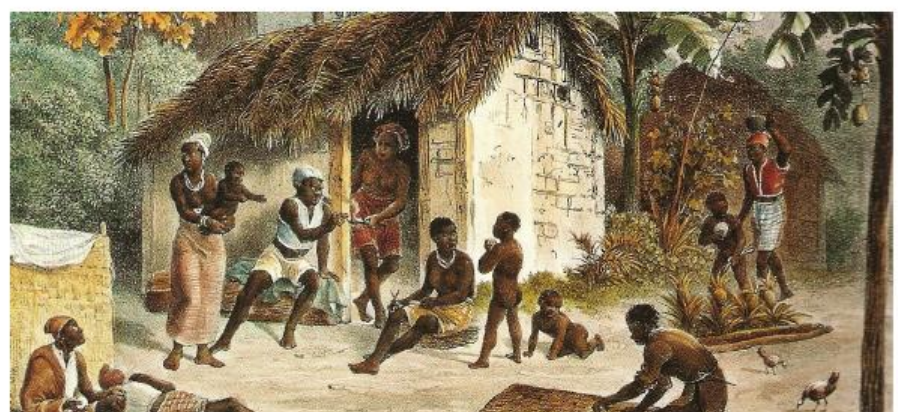
escravos e escravas como a “Terra da Promissão”. Localizado na Serra da Barriga, na antiga Capitania de Pernambuco, hoje Município de União dos Palmares, no estado de Alagoas, Palmares chegou a contar com uma população de 30 mil pessoas.

Palmares, assim como todos os demais quilombos brasileiros, representa uma forma de resistência da identidade e da Cultura Africana no Brasil.

“A cada novo 20 de novembro, Zumbi se espraia, amplia o seu território na consciência nacional, empurra para os subterrâneos da história seus algozes, que foram travestidos de heróis.” Sueli Carneiro

RESISTÊNCIA E CONSCIÊNCIA NEGRA NO BRASIL

1871 – Lei do Ventre Livre tornou livres os filhos de escravos nascidos a partir de sua promulgação. **1885** – Lei dos Sexagenários concedeu o direito à liberdade para os escravos e escravas com mais de 60 anos. **1888** – Em 13 de maio de 1888 a Princesa Isabel assinou a Lei Áurea,



encerrando a escravidão no Brasil. Aos ex-escravos foi dado o direito de deixar as fazendas em que trabalhavam, ou de continuar morando com seus

patrões, como empregados e não mais como escravos. Muitos permaneceram nas fazendas como agregados, por não terem para onde ir.



OUTUBRO ROSA

Tereza Almeida

O Brasil fez parte, durante o último mês de outubro, do movimento internacional conhecido como Outubro Rosa, que simboliza a prevenção, o incentivo ao diagnóstico precoce e a luta contra o câncer de mama. O movimento surgiu na última década do século 20, nos Estados Unidos da América.

O laço rosa da campanha foi usado pela primeira vez em 1990, durante a primeira Corrida pela Cura do Câncer de Mama, realizada pela Fundação Susan G. Komen (www.komen.org), em Nova York - EUA. Ninguém sabe ao certo onde nem quando se iniciou o costume de iluminar de rosa prédios e monumentos ao redor do mundo.

No Brasil, o primeiro registro de prédio iluminado foi o Mausoléu do Soldado Constitucionalista, mais conhecido como o Obelisco do Ibirapuera, em 02 de outubro de 2002. Hoje, tanto as grandes cidades quanto os pequenos municípios brasileiros organizam ações e atividades de prevenção do Câncer de Mama durante o Outubro Rosa.

CAMINHADA ROSA ÁGUAS LINDAS

Em Águas Lindas de Goiás, município goiano localizado na região metropolitana do Distrito Federal, cerca de 150 mulheres, coordenadas pelas secretarias municipais de Saúde e Ação Social, caminharam pelas ruas da cidade no dia 29 de outubro para celebrar o Outubro Rosa. Ou, conforme Aleandra de Sousa, Secretária de Ação Social e primeira-dama do município, "Caminhamos para celebrar o investimento de Águas Lindas de Goiás na qualidade de vida de nossas mulheres".



fotos: acervo Prefeitura Municipal de Águas Lindas-GO



Eduardo Weiss

Novembro é o mês de conscientizar sobre a importância da prevenção e do diagnóstico precoce do câncer de próstata e de outras doenças masculinas. A campanha Novembro Azul visa romper as barreiras do preconceito, que impede quase 50%

dos homens brasileiros de visitarem um urologista para realizar os exames preventivos. Estima-se que, em 2015, cerca de 12 mil homens vão morrer no Brasil de câncer de próstata, por descobrirem a doença já em estágio avançado. O Novembro Azul surgiu

na Austrália em 2003 e foi lançado no Brasil em 2012, pelo Instituto Lado a Lado, responsável pela campanha "Um Toque, Um Drible", que tem o objetivo de promover uma mudança de paradigmas em relação à ida do homem ao médico para a realização de exames preventivos.

O CÂNCER DE PRÓSTATA

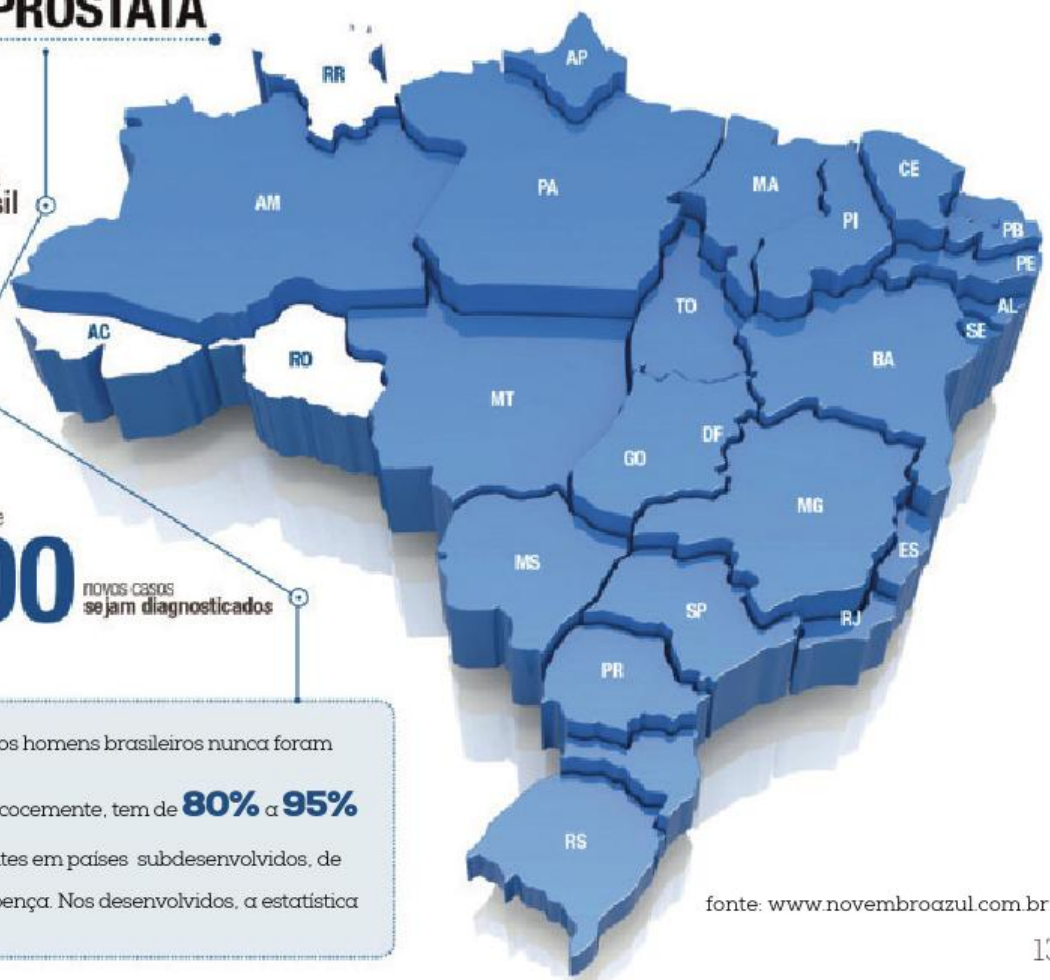
2º tipo que mais mata homens no Brasil

A cada **6** homens, 1 tem a doença



Em 2015, a estimativa é de que **69.000** novos casos sejam diagnosticados

- Quase **50%** dos homens brasileiros nunca foram ao urologista
- Se detectado precocemente, tem de **80% a 95%** de chances de cura.
- A cada 10 pacientes em países subdesenvolvidos, de **3 a 4** morrem da doença. Nos desenvolvidos, a estatística é de 1 para 10.



fonte: www.novembroazul.com.br



CONTANDO NOSSA HISTÓRIA

Jaime Sautchuk

O primeiro órgão de imprensa do Brasil Central foi o jornal "A Matutina Meiapontense", que surgiu em 5 de março de 1830 e durou até fins de 1834. Seu objetivo maior era divulgar o que se fazia na região, ou seja, informar a gente daqui sobre o que aqui se passava.

Transcorridos 150 anos, surge agora a revista "Xapuri" numa homenagem a um povo que "veio antes", os extintos Chapurys, de uma região ainda mais a oeste do Brasil, que naquela época ainda era território espanhol, e hoje é o estado do Acre.

Os cenários humanos e naturais de toda essa vasta região mudaram profundamente nesse século e meio. Já então, quando "A Meiapontense" surgiu, o ouro dos rios e barrancas da região havia se exaurido. O ciclo aurífero iniciado com

a bandeira de Bartolomeu Bueno da Silva Filho, o Anhanguera II, na década de 1720, havia deixado um rastro de riqueza e opulência e duras marcas de agressão ao meio ambiente.

A garimpagem começava nos cursos d'água e ia avançando nas barrancas, muitas vezes formando enormes crateras, com desvio do próprio leito de córregos. Mas, de qualquer modo, havia ficado muita natureza intocada, em convívio com uma sociedade que seguia em frente, sem mais depender do precioso metal, mas apegada a agropecuária, ao comércio, ao artesanato e aos serviços.

De fato, desde o século 16, aventureiros e missões jesuíticas percorreram a região, principalmente à caça de índios. Na medida em que as populações indígenas iam escasseando no litoral, mão

de obra escrava teria que ser buscada nos sertões do Planalto Central ou trazida da África.

Já nos anos de 1590 a 1593, a expedição de Antônio Macedo e Domingos Luis Grou percorreu vastas extensões do que viria a ser Goiás, mas restringiu-se à parte leste do rio Tocantins.

Os primeiros habitantes da região, claro, eram os índios. No caso, da etnia Macro-gê, diferente das existentes no litoral brasileiro, a maior das quais era a Tupi, que ficou ainda maior ao se juntar com a Guarani. Depois, vieram os brancos e os negros trazidos da África por comerciantes ou pela corte portuguesa.

Os brancos chegaram inicialmente com as expedições para o interior do País, chamadas de "bandeiras" ou "entradas", de acordo com sua forma de

organização. As primeiras tinham ajuste com a Coroa Portuguesa, enquanto as outras eram totalmente privadas.

Uma parte desses viajantes acabava ficando por ali. E, com os anos, a farta distribuição de terras das sesmarias levou gente de todo o canto para criar fazendas. Ou tentar enriquecer com ouro e pedras preciosas, escravização de índios e comércio de couros ou outros produtos tirados da flora e fauna locais.

A maioria dos brancos que chegavam era de homens solteiros, que muitas vezes se casavam com índias. O mesmo ocorria com os escravos negros, homens e mulheres, que tantas vezes também levavam o contato com índios e índias para o lado do amor e do sexo, e assim surgiam crianças diferentes.

A mistura dessas três raças básicas gerou ao longo dos séculos esse ser humano dos cerrados do Planalto Central do Brasil. É gente de pele marrom, de coloração

diversa das outras. Nem tão avermelhada quanto a do índio, nem tão escura quanto a do negro, nem tão clara quanto a do português. É a cor do cerratense, o homem do Cerrado, a mulher do Cerrado.

Nesse processo, num curto espaço de tempo, brotaram também classes humanas diferenciadas a partir de seu papel na economia – uns controlando os meios de produção, outros para eles trabalhando. Ou buscando refúgios em nesgas de chão e em serviços na área urbana, que incluíam biscates e empregos domésticos.

Esses primeiros aglomerados formaram as Minas dos Goyazes, que é como a Capitania de Goiás era chamada no primeiro século de sua ocupação pelo colonizador, quando a região fazia parte de São Paulo, no Brasil Colônia. No período imperial, passou a se chamar Província de Goiás e, na República, Estado de Goiás.

O primeiro aglomerado de Goiás foi o arraial de Sant'Anna,

localizado próximo às nascentes do Rio Vermelho, junto à Serra Dourada. Algum tempo depois, foi batizado de Vila Boa da Santíssima Trindade e, mais tarde, cidade de Goiás. Foi transformado em capital, situação em que permaneceu até o início da construção de Goiânia, em 1933.

Há, no entanto, muitos indícios de que aqueles então novos arraiais já eram palco de garimpagem desde 1711.

Cuiabá, hoje capital do Mato Grosso, no extremo oeste, surgiu na mesma época, também motivada pela descoberta de ouro. Além da garimpagem, havia outro motivo para o adentramento, que era a determinação da Coroa para que as fronteiras portuguesas fossem levadas sempre mais a oeste da linha definida pelo Tratado de Tordesilhas, de 1494.

Isso, enfim, dá uma breve ideia do que foi o início da ocupação desses sertões do Brasil. Este, aliás, será um tema permanente na revista "Xapuri".



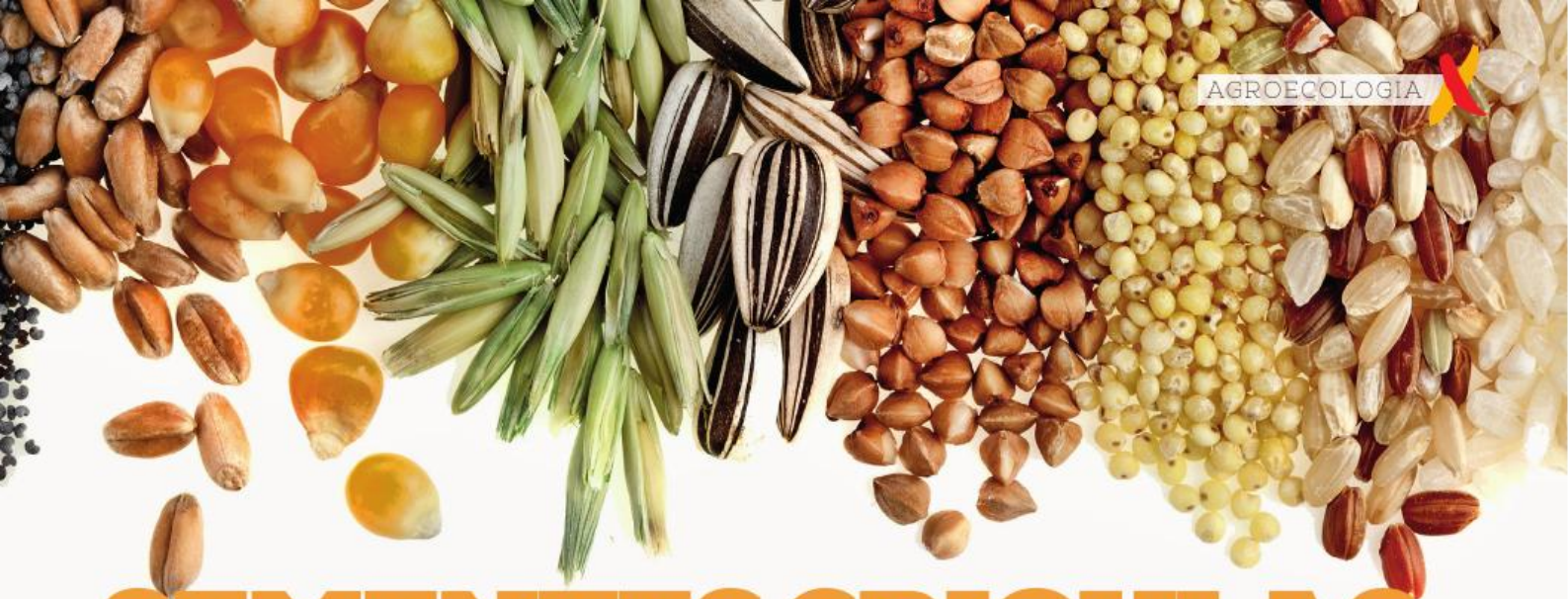
foto: Rui Faquini



**Aproveite suas férias.
Deixe sua casa sob nossos cuidados.**

TASS

61 3033 3333



SEMENTES CRIOULAS, SEMENTES DA ESPERANÇA

Socorro Alves

Novembro é mês de plantio. Brasil afora, cada vez mais famílias de agricultores e agricultoras buscam trocar mudas e sementes nativas para aumentar a variedade de plantas em suas pequenas propriedades.

Essa prática cultural, herdada das gerações anteriores há pelo menos 10 mil anos, representa hoje uma ação de resistência contra a industrialização do campo, implantado na produção rural a partir da segunda metade do século XX, que se tornou responsável por uma redução drástica na biodiversidade do planeta e na base alimentar dos povos.

Existem mais de 10 mil espécies no mundo. A agricultura antiga produzia

com base em mais de 500. A agricultura industrial reduziu a base de nossa alimentação para apenas nove espécies. O trigo, o arroz, o milho e a soja representam hoje 85% do consumo de grãos no mundo.

Boa parte das espécies usadas em nossa alimentação, como o milho, a batata, a mandioca, o feijão, o tomate, a pimenta, o cacau, é nativa das Américas. Essas plantas foram domesticadas por nossos povos indígenas. Outras, como o trigo e o arroz, vieram de

outros continentes, e foram conservadas e melhoradas por trabalhadoras e trabalhadores rurais brasileiros ao longo de centenas de anos.

Essas são as sementes crioulas, também chamadas de sementes da esperança. Ao cultivá-las, as famílias de agricultores/as preservam um patrimônio da humanidade, legado por nossos antepassados.





*Indígenas Korubo
recém-contatados
no Vale do Javari.*

ISOLADOS, BRAVOS, LIVRES

UM BRASIL INDÍGENA POR-CONHECER

— Zezé Weiss

Há poucas semanas, na calorenta manhã do dia 9 de setembro, um grupo indígena isolado da etnia Korubo estabeleceu contato com indígenas Kanamary, às margens do Rio Itaquaí, na Terra Indígena (TI) Vale do Javari, localizada no extremo norte do Estado do Amazonas, na fronteira do Brasil com o Peru.

A família de isolados, composta por mãe, pai e quatro crianças, foi recolhida e levada de canoa para a aldeia Massapê, dos Kanamary, onde recebeu

atendimento médico preventivo, pela equipe da Secretaria de Saúde Indígena (Sesai), do Ministério da Justiça. Com dificuldades de locomoção, a mulher foi diagnosticada com uma picada de cobra na perna.

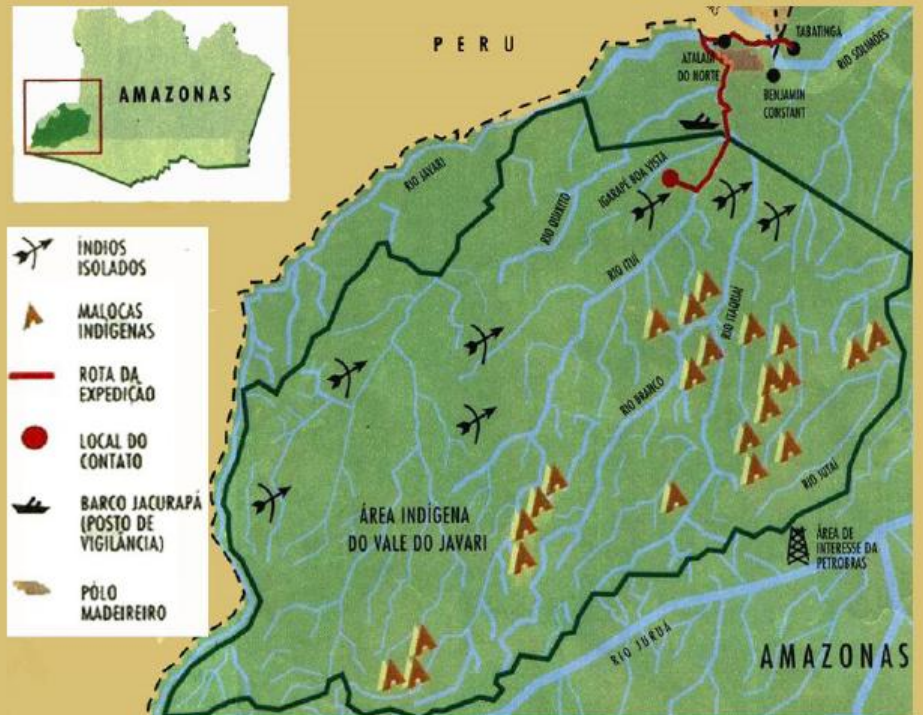
Em nota do dia 17 de setembro, a Fundação Nacional do Índio (Funai) informou que desde o dia 10 de setembro o grupo recém-contatado encontra-se abrigado em sua Base de Proteção Etnoambiental Ituaí-Itaquaí, na TI Vale do Javari. A maior parte dos Korubo

(população estimada em 200 pessoas) ainda vive isolada, entre os rios Ituaí, Coari e Branco.

O primeiro contato com os Korubo aconteceu com um grupo de 16 pessoas, há 18 anos, em 1996. À época, sucessivos conflitos com o entorno não indígena acarretaram várias mortes entre os Korubo. Para proteger a etnia, a Funai optou por fazer o contato, por meio do indigenista Sydney Possuelo. O grupo cresceu, conta hoje com 33 pessoas e vive no rio Ituaí, na TI Vale do Javari.

TERRA INDÍGENA VALE DO JAVARI

Com seus quase 8,5 milhões de hectares, a Terra Indígena Vale do Javari fica nos municípios de Atalaia do Norte e Guajará, na região do Alto Solimões, no estado do Amazonas, a 1.136 quilômetros de distância da capital, Manaus. É uma região bastante preservada, mas que sofre muita pressão de invasores, sobretudo pescadores de pirarucu, peixes ornamentais, traçajá, e de caçadores, que abastecem as cidades do entorno. Aí vivem cerca de 5 mil indígenas (eram 3.961 no ano 2000, segundo Censo da Funai) das etnias Kanamary, Kulina Marubo, Matsés, Matis, e Mayoruna. Existem ainda referências de 16 grupos indígenas isolados ou de pouco contato, inclusive



de outros grupos Korubo, monitorados à distância pela Funai, o que faz da região o local com o maior número de indígenas isolados no mundo. Depois de 20 anos de luta, a TI foi homologada por Decreto

da Presidência da República, publicado no Diário Oficial da União em 2 de maio de 2014. Não há mais exploração madeireira ilegal na região onde ocorreu o contato de setembro.

fotos: acervo Funai

POVO DO RIO XINANE

Contato recente no Acre

O último contato com indígenas isolados antes dos Korubo, no Amazonas, aconteceu no final do mês de junho, no Estado do Acre. No início de junho, os índios Ashaninka, da Aldeia Simpatia, localizada próxima ao município acreano de Feijó, na fronteira com o Peru, informaram a Funai sobre a movimentação de índios isolados próximos à comunidade.

Ao se deslocar para o local, a equipe da Frente de Proteção Etnoambiental confirmou a presença dos isolados e acionou o Plano de Contingência para situações



Indígenas recém-contatados no Rio Xinane, Acre.

de contato. Segundo a Funai, o primeiro contato indireto foi feito no dia 26 de junho, quando dois índios isolados foram avistados nas proximidades do rio Xinane.

No dia 29, um grupo de sete índios de etnia desconhecida, denominado "o povo do Rio Xinane", entrou na aldeia Simpatia. Com a chegada de novos

isolados, o grupo aumentou para 24 pessoas e está vivendo na base da Funai do Alto Rio Envira, distante 400 quilômetros de Rio Branco, capital do Acre. Para a presidenta da Funai, Maria Augusta Assirati, o grupo pode ter buscado o contato com os Ashaninka por pressão e agressão contra eles por parte de não índios.

CARLOS TRAVASSOS

Eduardo Weiss, Zezé Weiss

O geógrafo Carlos Lisboa Travassos, Coordenador-Geral de Índios Isolados e Recém-Contatados da Funai (GGIIRC), recebeu a Xapuri, na sede da Funai em Brasília, na semana seguinte ao último contato com os Korubo, para uma entrevista sobre esse assunto tão distante da vida da maioria dos brasileiros e brasileiras.

Xapuri – Quem são, quantos são os “povos indígenas isolados”, e qual a política da Funai para eles?

Travassos – A denominação “povos indígenas isolados” refere-se especificamente a grupos indígenas com ausência de relações permanentes com as sociedades nacionais ou com pouca frequência de interação, seja com não índios, seja com outros povos indígenas. A Funai possui uma metodologia para sistematizar as informações de presença de índios isolados, que hoje somam 104 registros, localizados em todos os estados da Amazônia Legal, sendo 26 povos indígenas isolados confirmados.

Xapuri – Em que consiste essa metodologia?

Travassos – Começamos por qualificar as informações sobre a presença de índios isolados em determinado local, o que pode ser feito por cruzamento de informações etno-históricas, levantamentos de campo e entrevistas de fontes, além de análises de imagens de satélite e investigações topográficas. A partir daí, podem ser realizados sobrevoos de localização e/ou expedições de localização de índios isolados. Essas

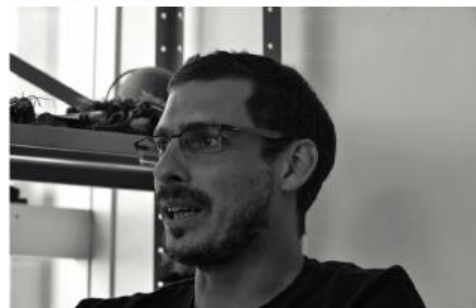
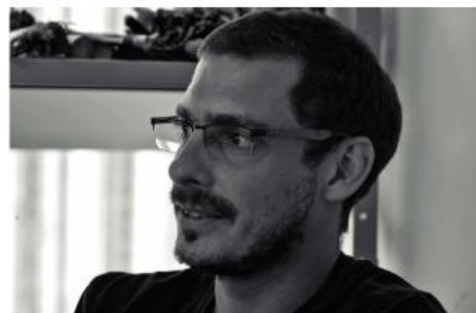
expedições têm por objetivo levantar e sistematizar dados que comprovem a existência do grupo, suas características culturais, seus hábitos e sua forma de ocupação territorial. A política da Funai é deixá-los em isolamento, enquanto assim preferirem.

Xapuri – Uma vez identificado um grupo de índios isolados em uma área, o que é feito?

Travassos – Para proteger e monitorar um grupo indígena isolado é necessário, após demarcar minimamente o território de ocupação do grupo, reconhecer a área como terra indígena. Como muitas vezes o processo administrativo é moroso, cheio de percalços e judicializações, é necessário interditar áreas quando a presença de índios isolados encontra-se em situação de alta vulnerabilidade. Até que as equipes de campo possam estudar o grupo indígena sem realizar o contato, a região de ocupação do grupo indígena passa a ser uma Restrição de Uso.

Xapuri – Depois que a área passa a ser uma Restrição de Uso, qual o próximo passo?

Travassos – As equipes das Frentes de Proteção Etnoambiental passam então, sistematicamente,



a realizar ações de vigilância, fiscalização e acompanhamento da movimentação e ocupação do grupo indígena. Essa dupla ação permite que sejam direcionadas as ações de proteção ao grupo, após identificadas as principais ameaças. De uma forma mais ampla, a proteção territorial é a base fundamental para a proteção de povos indígenas isolados, onde, garantindo-se o usufruto exclusivo dos recursos naturais, garantem-se as condições necessárias à reprodução física e cultural desses povos.

Xapuri – O que é feito com relação ao entorno da área?

Travassos – Como parte da política de proteção, são realizadas ações voltadas para a população do entorno da área de ocupação de povos indígenas isolados. A comunicação fluida com



as populações vizinhas é essencial para um melhor monitoramento dos grupos isolados, assim como para estabelecer parcerias e apoio junto a elas, para proteção ambiental da região, e ainda para melhorias na saúde e no próprio monitoramento da ocupação dos índios isolados.

Xapuri – Como é o acompanhamento das áreas de índios isolados?

Travassos – Existe uma política pública de proteção de índios isolados e de recente contato executada pela Funai, denominada Proteção e Promoção dos Direitos dos Povos Indígenas, definida no Plano Plurianual – PPA 2011-2015. A Coordenação Geral de Índios Isolados, subordinada à Diretoria de Proteção Etnoambiental – DPT – da Funai, coordena atividades e projetos de localização e monitoramento de índios isolados, ações de vigilância e fiscalização, além das ações voltadas para a promoção dos direitos dos povos indígenas de recente contato. Os projetos e atividades são executados pelas 12 Frentes de Proteção Etnoambiental dispostas na Amazônia Legal.

Xapuri – E os “povos indígenas de recente contato”?

Travassos – A Funai considera “de recente contato” aqueles povos ou grupos indígenas que mantêm relações de contato permanente e/ou intermitente com segmentos da sociedade nacional e que, independentemente do tempo de contato, apresentam singularidades em sua relação com a sociedade nacional e seletividade (autonomia) na incorporação de bens e serviços. São,

portanto, grupos que mantêm fortalecidas suas formas de organização social e suas dinâmicas coletivas próprias e que definem sua relação com o Estado e a sociedade

“**- Nos últimos anos, há maior incidência de índios isolados chamando a atenção das pessoas que circulam pelos rios...**”

nacional com alto grau de autonomia. Atualmente, a Funai coordena e apoia ações de proteção e promoção em 19 Terras Indígenas habitadas por grupos de povos indígenas de “recente contato”.

Xapuri – O contato estabelecido com os Korubo em 1996 foi uma decisão da Funai. Desta vez, quem decidiu pela aproximação foi o próprio grupo. Qual a razão?

Travassos – Não sabemos ainda. No caso dos Korubo, sabemos que passam por uma dinâmica sazonal de exploração dos recursos naturais fora de seus territórios para a pesca do purakê (o peixe elétrico) e coleta de ovos de tracajá. Por outro lado, os povos contactados, que moram nas áreas mais altas, ao se movimentarem, cruzam os territórios onde vivem os isolados. Até recentemente, os contatos eram evitados por todos. Nos últimos anos, há maior incidência de índios isolados chamando a atenção das pessoas que circulam pelos rios, muitas

vezes solicitando objetos industrializados.

Xapuri – Então os índios não vivem 100% isolados? O que faz a Funai para protegê-los?

Travassos – Correto em parte. A maioria deles optou voluntariamente por não fazer contato ou não conviver com ou como outros povos. Continuam vivendo isolados mas, no caso dos Korubo, fazem acenos e querem facão, panela e até mesmo roupa e comida, principalmente farinha. Eles a conhecem, por entrarem nas roças dos contactados ou por terem encontrado farinha em acampamentos abandonados. Os contactados costumam arremessar presentes para os isolados desde suas canoas. A Funai tenta impedir isso, para evitar que doenças infecto-contagiosas sejam repassadas.

Xapuri – E funciona?

Travassos – Funciona um pouco, mas não o suficiente. Há necessidade real de objetos industrializados por parte dos isolados. Então, mesmo a população do entorno colaborando, os isolados continuam querendo esses produtos. Por intermédio de intérpretes, tentamos manter contatos seletivos, explicando a eles que podem pegar doenças dos povos que passam nas canoas. Como entre os Korubo não existe o conceito de doença, pedimos aos intérpretes que expliquem os sintomas. Alguns relatam já terem sentido febres e diarreias. Nas áreas mais críticas, sobrevoamos os roçados deles e arremessamos facão (por alguma razão gostam mais de facão pequeno) e machado.

Xapuri – Como são feitos os contatos?

Travassos – Os contatos entre grupos indígenas isolados e a sociedade nacional podem ocorrer por iniciativa do grupo ou por uma ação externa em que haja aceitação ou rejeição por parte deles. O próprio Estado brasileiro pode realizar um contato quando existe alguma situação que coloque o grupo em situação de ameaça à vida. Cada contato possui um contexto próprio, mas deve ser acompanhado de ações que visem minimizar os impactos do contato, com especial atenção aos aspectos de atendimento à saúde do grupo e à comunicação. Os contatos, quando possível, devem ser previstos e devem possuir planejamento anterior para uma ação de contingência. A Funai e a Sesai devem agir conjuntamente nessas

situações, pois um trabalho integrado permite que uma equipe multidisciplinar atue com indigenistas, intérpretes, médicos, mateiros, barqueiros.

Xapuri – Uma vez feito o contato, quais as providências?

Travassos – Feito o contato, a informação é repassada à Frente de Proteção mais próxima, em geral via rádio. De imediato, acionamos o Plano de Contingência para o contato com índios isolados, que começa pela mobilização da equipe do Polo Sanitário Indígena da área, vinculado à Sesai, para o início das ações multidisciplinares de cuidado e proteção, nos moldes de uma política de recente contato, baseada em um diálogo intercultural respeitoso. São profissionais que passam por um processo de qualificação que inclui o aprendizado das línguas

indígenas faladas na região.

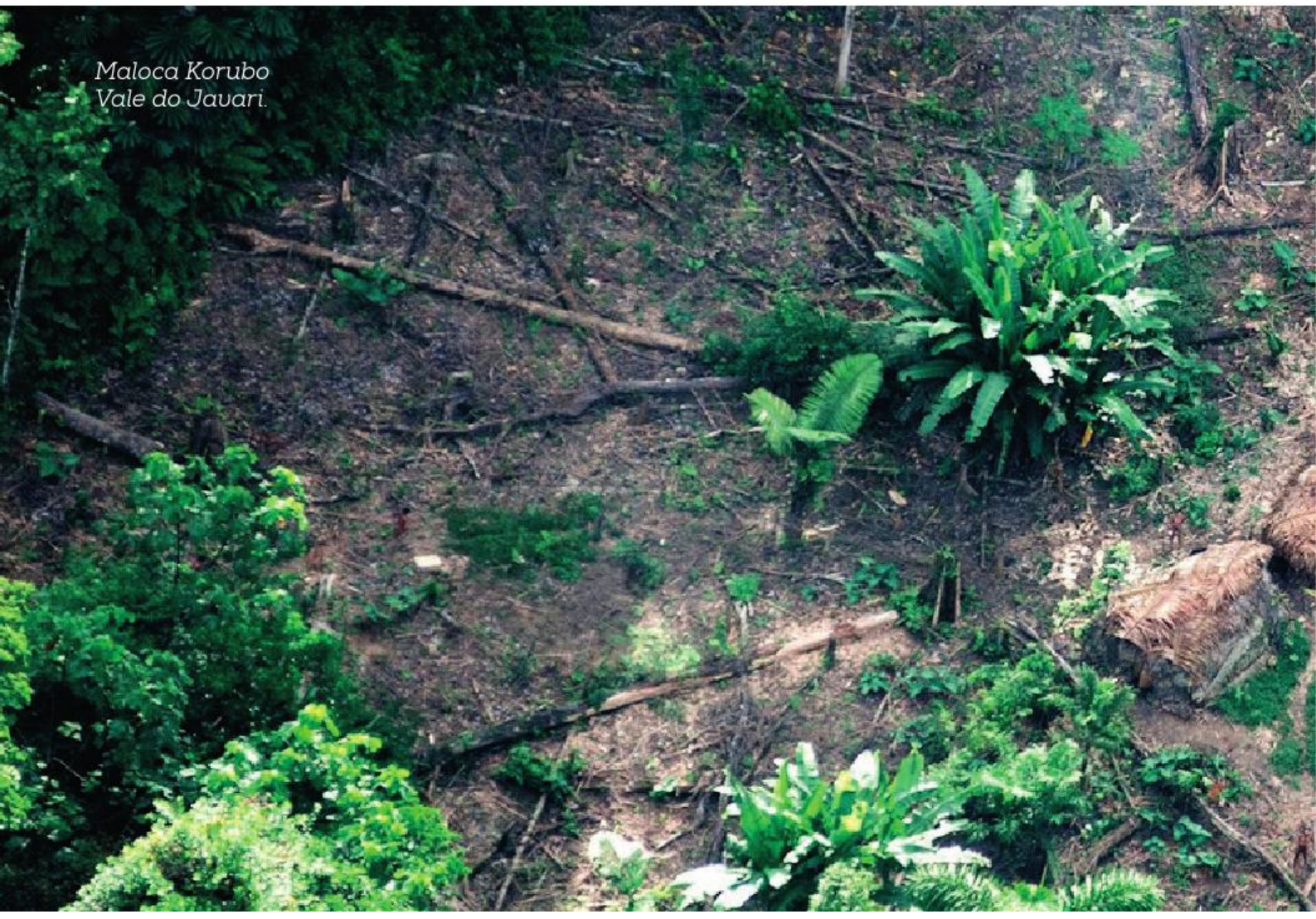
Xapuri – Quais os principais desafios da Funai nesses casos?

Travassos – Os principais desafios são com relação à saúde e à comunicação. No caso do Javari, os grupos já contatados passam por uma epidemia de hepatite, além da malária e da tuberculose. E mesmo sendo tomados todos os cuidados possíveis, dificilmente as doenças ficam de fora em um processo de contato recente. Outro desafio grande é o trato humano, a introdução de novos usos e costumes, com uma relação respeitosa por parte da equipe e das pessoas com quem passam a manter contato.

Xapuri – Como começaram os contatos na região?

Travassos – Na década de 1970 ocorreram diversos

*Maloca Korubo
Vale do Javari.*





contatos no contexto de abertura da estrada Perimetral Norte, que cortaria territórios de grupos isolados na região. Foi estabelecido contato com os Matis (1975), com os Maya (1978), que voltaram logo depois à condição de isolamento, e houve tentativas de contato com grupos Korubo isolados, entretanto todas infrutíferas, ocorrendo inclusive conflitos e morte de servidores da Funai durante as tentativas de atração.

Xapuri – Quais as principais características dos Korubo, o último grupo contatado?

Travassos – Os Matis dão aos Korubo a denominação de índios caceteiros, por conta de suas bordunas. Os Korubo são o grupo indígena que mais combateu e mais resistiu à exploração madeireira na região. Os Korubo nunca deixaram que seus territórios

fossem explorados por madeireiros. O processo de contato entre os Korubo e agentes da sociedade nacional é marcado pela violência. Inúmeros conflitos ocorreram durante as décadas de 70, 80 e 90 entre os isolados e os invasores, sobretudo madeireiros. A última tentativa da Funai de contato com os Korubo isolados foi em 1982, e essa tentativa resultou na morte de dois servidores.

Xapuri – Como se deu primeiro o contato com os Korubo?

Travassos – Só em 1995 a Funai voltaria a desencadear um processo de contato com um grupo Korubo, que estava sendo dizimado por sucessivos massacres desferidos por não indígenas do entorno (madeireiros, pescadores). Em 1996, ocorre então o contato com 14 pessoas. Esse pequeno

grupo Korubo era parte de um maior, que continuou em situação de isolamento.

Xapuri – Onde vivem os Korubo ainda isolados?

Travassos – Os Korubo isolados têm em seu entorno outros povos indígenas que já estabelecem contato intenso e permanente com a sociedade nacional, tais como os Matis e Kanamary. Outro aspecto importante de nota é o fato de o território dos Korubo estar localizado no médio rio Ituí e baixo Itaquaí, ou seja, o local é a porta de entrada, o escudo da Terra Indígena. Nos altos rios moram povos contatados, os Kanamary, Marubo e Matis. Geralmente essa lógica é inversa, os povos isolados vivem nos altos cursos, nas regiões mais inacessíveis, enquanto os outros povos vivem nos baixos cursos, tal como acontece no Acre, por exemplo. X

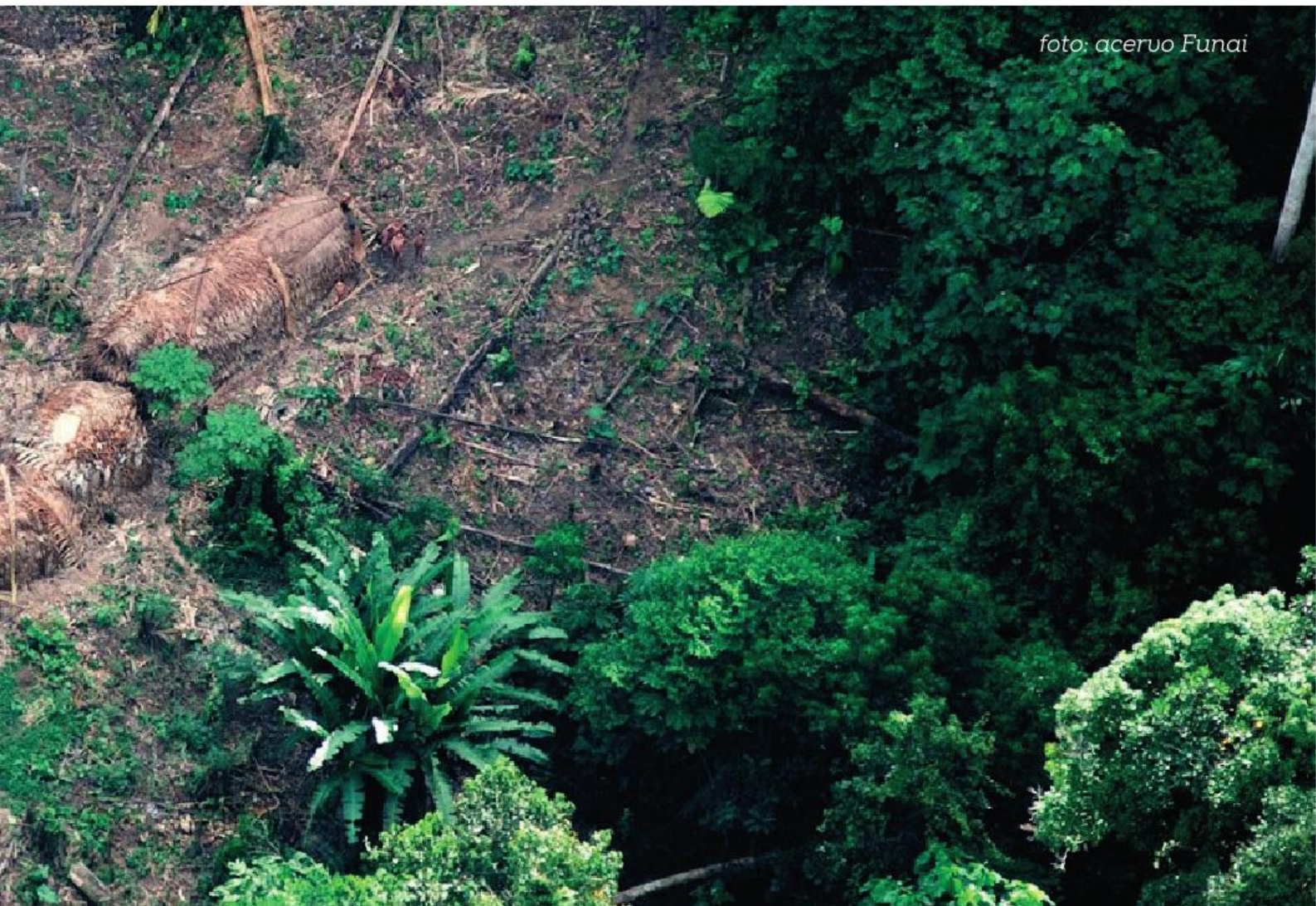


foto: aceruo Funai



CATARSE E A CULTURA DO FINANCIAMENTO COLETIVO

Guilherme Cobelo

Maneiras criativas de financiar coletivamente um projeto estão espalhadas por toda parte. Desde o (não muito seguro) cofrinho – aquele porco frequentemente alimentado por trocos de seu dono e ao qual sempre acorrem as moedas de amigos e familiares –, passando pelas (nem tão confiáveis) rifas – com seus bilhetes e sorteios misteriosos –, até as informais e espontâneas vaquinhas, aprendemos que o interesse comum pode ser mobilizado em favor de várias iniciativas.

Mas não é preciso esperar tanto tempo para o cofrinho encher, nem sentir tentação de quebrá-lo para adiantar a colheita dos frutos; muito menos passar os dias ouvindo “quando é mesmo que vai haver o sorteio daquela rifa que eu comprei?”. Nos

últimos anos, um novo conceito de financiamento coletivo (*crowdfunding*) está modificando a nossa maneira de vivenciar esses apoios.

Baseadas em uma rede formada por apoiadores e realizadores, plataformas virtuais como o Catarse, no ar desde 17 de janeiro de 2011, estão se difundindo em território brasileiro com uma certa rapidez. Funciona assim: alguém apresenta por meio de vídeo e texto o projeto que pretende realizar, com os valores relativos ao financiamento em si e, a partir dessa proposta, as pessoas participam do montante a ser arrecadado.

No caso de o objetivo não ser atingido por insuficiência de recursos, cada uma das pessoas que apoiou o projeto recebe de volta a quantia oferecida. Do contrário, caso seja atingida ou superada a meta, geralmente o

financiador recebe uma recompensa proporcional ao incentivo. Desde cervejas produzidas artesanalmente até apoios a vítimas de regiões atingidas por catástrofes, a diversidade dos projetos é tamanha, que se torna evidente o quanto as pessoas recorrem cada vez mais a essas alternativas para se verem contempladas.

Em Brasília, aumenta diariamente o número dos grupos e indivíduos ligados a essa nova cultura financeira. É o caso da banda Sexy Fi e do escritor Maurício Chades que, por meio do Catarse, realizaram com sucesso os projetos apresentados na plataforma virtual. Videoclipe e livro,



respectivamente, foram os produtos financiados. Para a banda, o recurso do *crowdfunding* se afigurou uma alternativa viável diante do alto custo que envolve a produção de um clipe.

"Como a gente tava no fundo do poço financeiro, eles [os produtores] sugeriram fazer uma arrecadação no Catarse. O diretor de arte do clipe, Lucas Gehre, da Revista Samba, já tinha experiência com *crowdfunding* dos projetos dele. Ele deu alguns toques e começamos a produzir o vídeo de lançamento da campanha", diz Ivan Bicudo, tecladista da banda.

Lançado em 2013, o clipe tem mais de 45 mil acessos no Youtube! E, apesar da caoticidade da banda, quem apoiou receberá suas

recompensas,
dentre as
quais

camisetas, adesivos, discos, entradas para uma festa exclusiva e até mesmo um show particular da banda.

Para Maurício Chades, a recente publicação de seu livro "As aventuras subjetivas de Bjork" não poderia ter acontecido de outra forma, senão através do *crowdfunding*. "Por ser um livro que debate o pop, por tratar de uma artista pop, precisávamos do apoio direto do público para legitimar o projeto", diz Chades.

O artista está satisfeito e surpreso com o resultado: ultrapassaram a meta nos últimos dias de campanha e chegaram a 109% do pretendido! Para ele, o Catarse funcionou como uma pré-venda: "Oferecemos como 'recompensas' o próprio livro e outros produtos que são desdobramentos do projeto: fotografias em A4 impressas em fineart com tiragem limitada (tecnologia de museu, de altíssima durabilidade), por exemplo. Nessa perspectiva, o apoio não é uma 'doação', mas uma reserva, um voto de confiança".

A própria estrutura fundada pela ideia de *crowdfunding* é um passo além na configuração econômica que envolve a realização de projetos. Muito mais maleável e praticamente não hierárquico, o vínculo estabelecido entre as partes envolvidas é fomentado por motivos que nem sempre são estritamente financeiros, comuns no modelo industrial vigente. Para Luciana Masini, que dá suporte à comunidade no Catarse, o essencial da estrutura dessas plataformas de financiamento coletivo, em discussão no Brasil desde 2010, é a colaboração.

O trajeto percorrido pelos jovens idealizadores é sintomático do seu espírito: "O projeto era um sonho comum dos recém-formados administradores Diego Reeberg e Luís Otávio Ribeiro, inspirados pelo norte-americano Kickstarter. Compartilhavam do mesmo sonho e inspirações o programador Daniel Weinmann, de Porto Alegre, o jornalista Rodrigo Maia e seu irmão, o designer Thiago Maia, do Rio de Janeiro, que completaram o time. Ao vislumbrarem a possibilidade de uma atuação inicial forte em Rio, São Paulo e Porto Alegre, eles passaram a oferecer essa alternativa a projetos que ficavam engavetados por falta de oportunidades. A ideia de um criador estático não cabe no Catarse, pois geramos um ambiente onde co-criar é o importante. Quero dizer que o Catarse não depende das pessoas iniciais, ou da figura de um fundador, mas da equipe como um todo e de todos que trabalham e circundam a iniciativa", diz Luciana.

Para Adolfo Melito, presidente do Instituto de Economia Criativa e integrante do conselho de criatividade e inovação da Fecomércio - SP, a indústria da economia criativa, ligada à geração de valor através do capital humano, tem grande potencial de crescimento pelo financiamento em grupo. "A estrutura das empresas criativas é diferente do modelo industrial", diz ele.

"Não há mais organização hierárquica, e sim estruturas participativas, com mais autonomia nas relações de trabalho, o que reduz os custos", observou Adolfo ao ser entrevistado pelo iG, em 13 de setembro

de 2013. Sinal dos novos tempos, plataformas como o Catarse sugerem uma transformação cultural que abarca desde a economia até o comportamento individual, apontando novas maneiras de se relacionar com os circuitos de produção e consumo. Não chega, no

A obra de arte, afinal, vira um objeto pré-moldado segundo conceitos do Estado.

Presente-se que a cultura inaugurada por sites como o Kickstarter vem justamente na contramão dessa rigorosidade institucional, pois desvencilha os idealizadores dos tentáculos

do país. O estudo Retrato do financiamento coletivo do Brasil – 2013/2014 – informa que as regiões mais participativas nessa onda são o Sudeste (63%), Sul (20%) e Nordeste (9%). No espectro humano, a maior participação é de jovens entre 25 e 30 anos de idade,

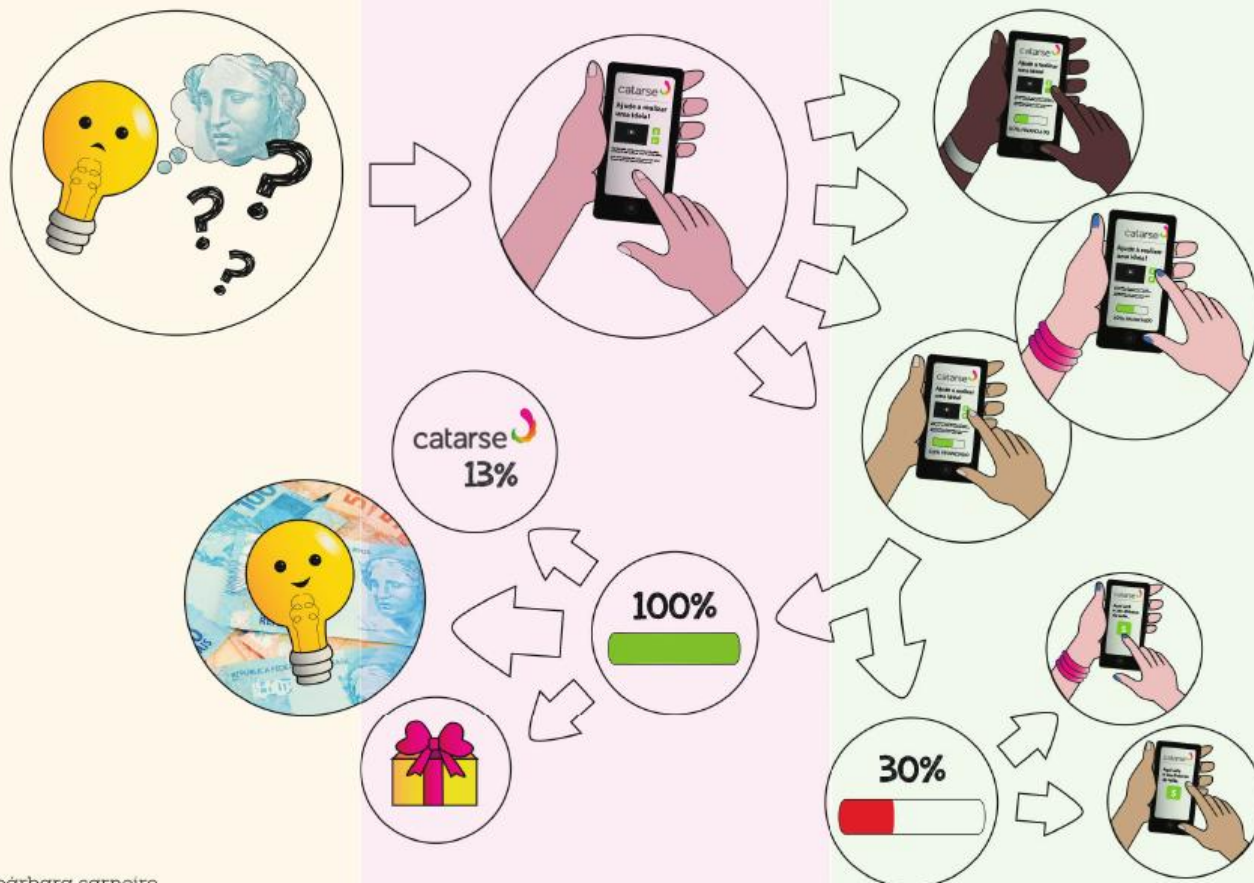


Ilustração: Bárbara Carneiro

entanto, a configurar uma contracultura *stricto sensu*.

O *crowdfunding* é efeito da insuficiência do modelo de financiamento vigente. Pensando em projetos artísticos, quem hoje em dia tem disposição para enfrentar a burocracia castradora dos editais de seleção das secretarias de cultura, por exemplo? Quem se aventura por esses campos áridos sabe que é preciso estar armado de escritores-de-projeto e de todo um arsenal de argumentos, para conquistar a simpatia dos pareceristas.

que a cultura financeira oficial lança em torno daqueles que buscam mamar, um pouquinho que seja, nas tetas de ouro do capital. Mas a "cultura crowd" carece de uma difusão mais ampla, pois ainda está limitada estatisticamente às regiões consagradas do circuito econômico brasileiro, conforme pesquisa realizada pelo Catarse e pela empresa Chorus, especializada em projetos ligados à cultura e à sociedade.

Há que se promover sua ampliação, sobretudo rumo ao Norte e ao Centro-Oeste

a maioria com nível superior, funcionários de empresa privada e com renda mensal entre R\$ 3.000,00 e R\$ 6.000,00.

A partir desses dados, depreende-se que é longo o caminho para a "cultura crowd" firmar-se no Brasil. Como afirmou um dos participantes da pesquisa, é preciso educar mais o público. Embora se esteja difundindo com certa rapidez, sabemos que um comportamento, para tornar-se hábito, costume, enfim, deve ser estimulado, reforçado e, sobretudo, elogiado.



Café Itiquira. Campeão no sabor e está conquistando seu coração.



LINDA SERRA DOS TOPÁZIOS

RPPN PRESERVA BIODIVERSIDADE NO PLANALTO CENTRAL



Eduardo Weiss

Localizada no município de Cristalina, bem perto da capital federal, a cerca de 110 km de Brasília, a Reserva Particular de Patrimônio Natural (RPPN) Linda Serra dos Topázios – umas das primeiras do Planalto Central – é exemplo em conservação de biodiversidade e serve de modelo de preservação do bioma Cerrado.

Os cerca de 500 hectares da RPPN situam-se entre o encachoeirado rio Topázios e o também encachoeirado Córrego Pedra Impé, que se juntam no vértice mais baixo

da Reserva, formando um cânion. Ao longo dos cursos de água, as corredeiras se entremeiam sobre lajes com poços.

A biodiversidade da flora do Cerrado na Linda Serra dos Topázios encontra-se registrada em textos e fotos no livro Flores e Frutos do Cerrado (Universidade de Brasília – Agência Ambiental do Estado de Goiás, 2000).

Também em parceria com a UnB e o Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais (INPE), a Reserva mantém o programa Ecoastronomia, voltado para

o estudo do espaço. Segundo o INPE, a região tem o céu mais limpo do Brasil, o que favorece a observação para estudos e o turismo.

Já o programa Aprendendo com o Cerrado é voltado para alunos de primeiro e segundo graus da rede escolar de Cristalina e outros municípios e seu objetivo é ampliar a consciência de preservação do Cerrado.

A Reserva é bastante frequentada por ambientalistas e por pequenos grupos de visitantes, previamente agendados pelo telefone **(61) 9918-0983**.



fotos: acervo RPPN Linda Serra dos Topázios



O QUE É UMA RPPN

A Reserva Particular do Patrimônio Natural, ou RPPN, é uma modalidade de Unidade de Conservação (UC) criada pela Lei N.º 9.985 de 18 de julho de 2000, conhecida como a Lei do Sistema Nacional de Unidades de Conservação. Segundo a "Lei do SNUC", a RPPN tem por missão "... compatibilizar a conservação da natureza com o uso sustentável de parcela de seus recursos naturais." Constituída em terras privadas, uma RPPN tem por finalidade preservar a diversidade biológica do local onde se encontra.

O/a proprietário/a assume, por vontade própria, o compromisso pela preservação da propriedade, ou de parte dela, por tempo indeterminado, uma vez que o título é de caráter permanente. Mesmo que o local seja vendido para outro/a proprietário/a, a condição de unidade de conservação se mantém. Por esse mesmo motivo, a área não poderá ser utilizada para penhora em financiamentos.

O Brasil conta hoje com 750 RPPNs distribuídas por todo o território nacional. Juntas, as RPPN brasileiras somam cerca de 580 mil hectares. O bioma da Mata Atlântica tem o maior número de RPPNs, quase 500, mas é no Pantanal que se encontra a maior área protegida por RPPNs, com cerca de 254 mil hectares.

O Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade - ICMBio, do Ministério do Meio Ambiente, disponibiliza via internet www.icmbio.gov.br, um roteiro para a criação de RPPN Federal.

ENCONTRO DO BONITO DE CULTURAS POPULARES

Amanda Lima

O Encontro do Bonito de Culturas Populares – Pelo Cerrado e suas Culturas, de pé, acontece no início de cada mês de setembro, no Distrito do Bezerra, município de Formosa, Goiás. Organizado pela Associação do Bonito, organização comunitária local, o VII Encontro aconteceu entres os dias 5 e 7 de setembro passado, na sede da Associação.

Promovido sem interrupção desde 2008, o Encontro do Bonito, como é conhecido na região, tem por principal objetivo resgatar e valorizar os costumes das populações com origem na área rural que, mesmo enfrentando um processo acelerado de urbanização, guardam e cultuam parte significativa de suas ricas tradições.

Em 2014, o Encontro contou com a participação de mais de 400 artistas e foliões. Foi registrado um público de quase 5 mil pessoas do município, da vizinhança, do Centro-Oeste e das várias regiões do País. Muitas dessas pessoas voltam todo ano: “Não perco a Festa do Bonito por nada desse mundo. Aqui me alimento do que de melhor existe na nossa cultura sertaneja”, diz Almir Paraca, festeiro regular da Festa do Bonito.

O sucesso da festa deve-se, em grande parte, à sua impecável organização. Para a comunidade local, a festa começa meses antes com mutirões para a capina, confecção das barracas de bambu, produção da decoração, pintura do prédio

da Associação e muitos outros cuidados para o bem-receber característico da Comunidade do Bonito.

Para o VII Encontro, foi criada a Rede de Festeiras e Festeiros do Bonito, formada por artistas, fotógrafos, membros da comunidade e de outras entidades locais e regionais voluntariamente compromissadas com o sucesso da festa. “Participo do Encontro do Bonito com uma verdadeira sensação de encantamento. Ver tanta gente feliz por esse momento único de retorno às suas raízes me fascina. O Encontro do Bonito é pura magia”, diz Janaina Faustino, do Instituto Itiquira, ONG que atua na região.





fotos: acervo Associação do Bonito

Atrações culturais

No palco, revezaram-se mais de 400 artistas, todos/as voluntários/as, mostrando Dança de São Gonçalo, curraleira, catira, modas de viola, típicas do sertão goiano e mineiro, juntando-se a uma enorme diversidade cultural: teatro de mamulengo, palhaços, poesia, teatro, oficinas diversas (perna de pau, confecção de instrumentos de percussão, capoeira angola, samba de roda, dança cigana, bumba-meu-boi, tambor de crioula, corrida de cavalo, torneio de berrante, Caçada da Rainha, Caçada ao Saci Pererê – existem na região aos

milhares) e muito mais.

Especial destaque para a participação das escolas municipais da zona rural de Formosa e municípios vizinhos e de projetos sociais com suas fanfarras, apresentações teatrais e de dança, e redações com o tema da festa “Pelo Cerrado e suas Culturas, de Pé”. Durante a festa, foi anunciado o resultado do 1º Concurso de Poesia do Bonito, lançado nas redes sociais, com o mesmo tema, de que participaram poetas de várias localidades do País.

Importantes também foram as rodas de prosa para debater o futuro e o papel dos Encontros de Culturas Populares de base comunitária no desenvolvimento sustentável

das populações e regiões envolvidas. Dessas rodas, como em anos anteriores, tirou-se documento a ser encaminhado para as autoridades governamentais, entidades públicas e privadas, e a população em geral.

PELO CERRADO E SUAS CULTURAS, DE PÉ



Comida boa

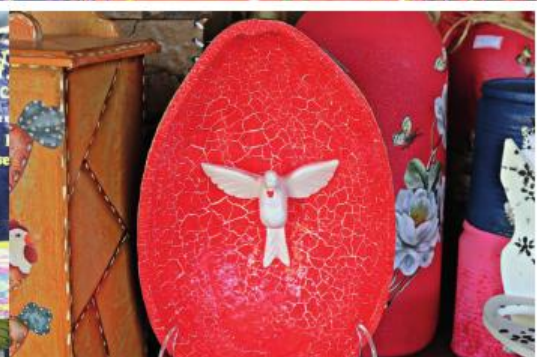
A cozinha do Encontro do Bonito é gerenciada por roceiros e roceiras da própria comunidade. Composto por doceiras, benzedeadas, cozinheiras e "por todo mundo que não sobe no palco", o povo da cozinha trabalha cantando para servir, todo ano, milhares de pratos de arroz, pequi, frango com guariroba, farofa de jiló e muitas outras delícias da culinária goiana.

Ornamentação

Tem gente que vai ao Bonito só para ver a decoração da festa. Do refeitório às barracas e à tenda do palco, em meio a metros e metros de chita são encontradas colheres de pau, cabaças, enormes bonecas de pano (doadas pela equipe da revista Xapuri) e uma infinidade de flores de papel confeccionadas durante meses pela Comunidade.

Reciclagem

A limpeza e o cuidado com o meio ambiente este ano foram impecáveis no Bonito. Os resíduos sólidos, secos e orgânicos foram reciclados pela Cooperativa Recicla Cooperluz, de Luziânia, parceira da Associação do Bonito. Foram separados e reciclados mais de uma tonelada de resíduos. O que antes era lixo, agora passou a ser transformado em renda e cidadania para catadores e catadoras. O resultado imediato foi um espaço com lixeiras por todos os lados e muito mais conforto para os festeiros e festeiras.



Primeira loja **Ultrabox**:
PLANALTINA - BR020 ao lado do Posto Itiquira.

Segunda loja **Ultrabox**:
GAMA - ao lado do Balão do Periquito.



ULTRABOX

ATACADO E VAREJO

DF 150 - Km 4

Grande Colorado



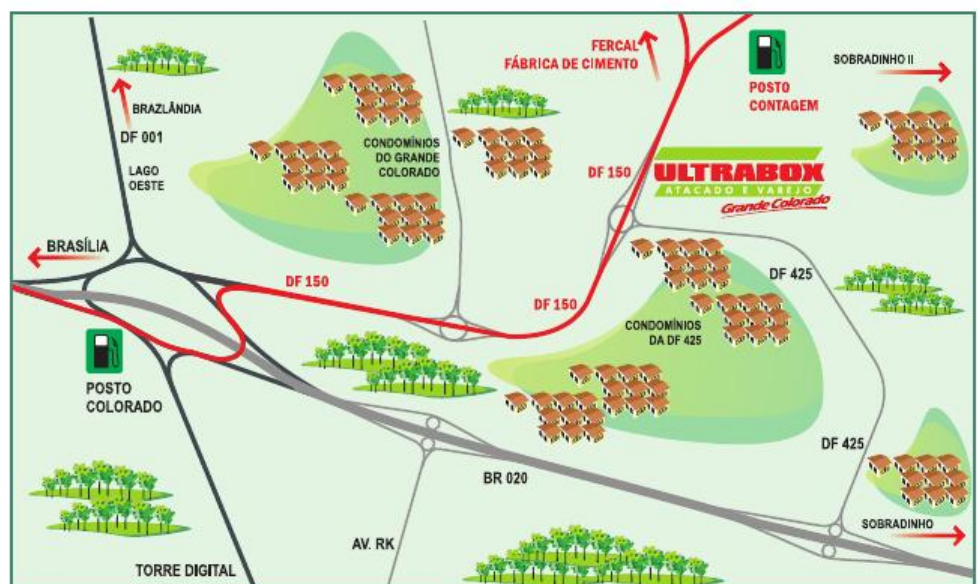
**Sucesso para suas compras
no atacado e varejo.**



**Ultrabox atende
o comerciante:**
Preço de atacado para você
manter seu estoque em dia.

**Ultrabox atende
quem produz:**
Matérias Primas e embalagens
para pizzas, quentinhas,
biscoitos ou salgadinhos
para vender.

Ultrabox atende você:
Preço baixo e qualidade para
sua despensa e consumo.



Ultrabox Grande Colorado, fácil de encontrar. DF 150 - Km 4



foto: shutterstock

SABOR MARCANTE DO PEQUI REFORÇA VALORES DA TRADIÇÃO

Zezé Weiss

O **pequi** (*Endocar brasiliensis*) é um fruto silvestre típico do Cerrado, com ciclo produtivo de novembro a fevereiro. O nome pequi é de origem indígena, vem do Tupi e significa fruta espinhenta ("py", casca, pele, e "qui", espinho). O sabor marcante, inconfundível e inesquecível do pequi reforça os valores da tradição entre as populações do Cerrado.

Na gastronomia Cerratense, o pequi tanto é usado em pratos como pequi puro, pequi com arroz, pequi com frango, ou na produção de sobremesas e licores. No interior do Brasil, muitas famílias agricultoras usam o pequi também para a produção de sabão caseiro. Embora com menos frequência, as sementes também são utilizadas para a produção de óleos e essências.

O pequizeiro é uma árvore frondosa. Quando adulta alcança entre 12 e 15 metros de altura. Seu tronco sinuoso e grosso chega a 2 metros de circunferência. Os frutos de cor verde-amarelada trazem até 4 sementes, protegidas por milhares de espinhos. A massa volumosa de cor amarelo-dourado-laranja forte que envolve as sementes é a parte mais usada na gastronomia do Cerrado.



arroz com pequi

Ingredientes

- 5 pequis bem amarelos, lavados
- 4 colheres (sopa) de óleo ou banha de porco
- 2 dentes de alho amassados
- 1 cebola grande picada
- 2 xícaras de arroz lavado e escorrido
- 4 xícaras de água quente
- Sal e pimenta-de-cheiro ou pimenta malagueta fresca, picada a gosto
- 1 colher (sopa) de cheiro verde picado.

Modo de Preparo

Tire a casca dos pequis, coloque-os em uma panela, junte óleo ou banha, alho, cebola, leve ao fogo brando e refogue mexendo sempre, até a cebola e o alho ficarem dourados. Acrescente arroz, frite um pouco, junte água, tempere com sal, cozinhe até o arroz ficar macio e a água secar, junte pimenta a gosto e misture delicadamente. Tire do fogo, polvilhe com cheiro verde, mais um pouco de pimenta e leve à mesa.

Ingredientes

- Pequi
- Cachaça
- Açúcar
- Água

licor
de
pequi



Modo de Preparo

Descascar o pequi. Limpar com um pano limpo. Colocar em vidro de boca larga mais ou menos até a metade. Encher o vidro com pinga deixando por um ou dois meses, bem tampado.

Depois desse tempo misturar 1 copo da essência obtida da infusão com 2 copos de calda de açúcar bem grossa. Colocar numa garrafa e está pronto para ser consumido. Para guardar tampe bem, o produto dura vários meses. Para que fique com aquele efeito cristalizado é só fazer a calda mais forte.



foto: cozinhandopararelaxar.com

cozidão de pequi

Ingredientes

- 5 cubos grandes de batata-doce
- 5 cubos grandes de batata-salsa
- 5 cubos grandes de mandioca
- 5 cubos grandes de abobrinha verde
- 5 cubos grandes de abóbora cabutiá
- 5 cubos grandes de cenoura
- 5 cubos grandes de guariroba (levemente cozidos)
- 5 cubos grandes de banana-prata
- Milho cortado em grãos (utilize 2 espigas)
- 1 pimentão vermelho cortado em cubos
- 12 cebolas pequenas inteiras (tipo conserva)
- 12 batatas-inglesas pequenas, inteiras
- ½ prato de quiabos pequenos e inteiros (retirar os talos)
- ½ prato de jilós inteiros (retirar os talos)
- ½ prato de vagem, cortada em pedaços grandes
- ½ prato de talos de repolho
- 1 prato de pequi
- 1 chávena de óleo
- 1 cebola cortada em fatias
- 6 a 8 dentes de alho picadinhos
- Tempero pronto para legumes
- 1 colher de sobremesa de orégano
- Cheiro-verde o quanto baste
- Pimenta-de-cheiro a gosto
- Sal a gosto



Fontes: Matéria produzida com base em consulta ao livro Cozinha Goiana, 3ª Edição, Editora Kelps, de Bariani Ortêncio e nos seguintes sites: cerratinga.org.br \formasaudavel.com.br\receitastipicas.com\ wikipedia.org

Modo de Preparo

Refogue o alho e a cebola no óleo até dourar. Coloque rapidamente todos os ingredientes, um a um, deixando fora a banana e o cheiro verde. Dê preferência aos ingredientes mais consistentes, para cozinhar primeiro. Quando todos os ingredientes estiverem quase cozidos, coloque a banana e o cheiro-verde, tampe a panela e assim que todos estiverem cozidos, desligue. Não deixe passar do ponto, para que não desmanchem. Sirva acompanhado de arroz branco.

LER... PARA QUÊ?

A IMPORTÂNCIA DA LEITURA DA LITERATURA



Mayra Vilas-Bôas Bueno

Ler é atividade fundamental para o exercício de ser cidadão. A leitura é a ferramenta que nos coloca em contato com o mundo escrito. É lendo que o leitor pratica sua emancipação intelectual, mediante a função liberatória da palavra. Entretanto, somente através da leitura da literatura é que o leitor pode extrapolar os limites de seu cotidiano e (re)criar sua história como sujeito ativo, crítico e reflexivo.

A leitura da literatura, por meio da sinestesia, do envolvimento físico e psicológico dos sentidos, pelo aguçamento da curiosidade e pelas possibilidades emotivas que um livro pode conter, aprimora a linguagem e desenvolve a capacidade de comunicação com o mundo em variadas esferas.

Quanto mais cedo se começar a ler, melhor. Paulo

Freire já nos dizia que a leitura do mundo precede a leitura das palavras. Às crianças brasileiras, o acesso ao livro é dificultado por uma conjunção de fatores sociais, econômicos e políticos.

São raras as bibliotecas escolares. As existentes não dispõem de um acervo adequado e/ou de profissionais aptos a orientar o público infantil no sentido de um contato agradável e propício com os livros. Mais raras ainda são as bibliotecas domésticas. Os pais, quando se interessam em comprar livros, muitas vezes os escolhem pela capa, por falta de uma orientação direcionada às preferências das crianças.

É de extrema importância para os pais e educadores discutir o que é leitura, a importância do livro no processo de formação do leitor, bem como o ensino



da literatura infantil como processo para o desenvolvimento do leitor crítico.

No nosso Chapadão Goiano, várias são as pessoas envolvidas, as ações e estratégias executadas para o uso da literatura no aprendizado da leitura, interpretação e produção de textos com o intuito final de promover um ensino de qualidade, prazeroso e direcionado à criança. Somente desta forma, transformaremos o Brasil num país de leitores.

Ações e pesquisas estão sendo realizadas no intuito de difundir o estudo, a pesquisa, o livro e a leitura, algumas de relevante importância para a cultura cerratense. Dentre estas, vale destacar:

Uma Vírgula no Sertão Sem Fim – A segunda Via!

A escritora Iêda Vilas-Bôas dedica grande parte de seu tempo à divulgação da leitura da literatura. Apresenta seus livros e os de outros escritores em escolas e eventos ligados ao livro, à leitura e à compreensão leitora na região, no Brasil e no exterior. Iêda Vilas-Bôas conta histórias e declama poesias como forma de sensibilizar para a leitura. Com roupas coloridas e emoladas populares, prende a atenção de adultos e crianças e sempre dá seu recado: É preciso ler! E mais: ler, entender, compreender e inferir.

Seu trabalho mais recente, “Uma Vírgula no Sertão Sem Fim – A segunda Via!”, será apresentado em novembro, no Congresso Latino-Americano de Compreensão Leitora, no México.

O artigo apresenta uma investigação que resultará na publicação de um livro, com aportes da literatura fantástica. Serão retratadas vida e morte de Lampião (Virgulino Ferreira da Silva), cangaceiro e mito do sertão brasileiro. Pretende-se estudar a Segunda Via, que consiste em analisar, através do texto escrito, uma possível realidade de que Lampião não tenha falecido em Angicos – Sergipe, e sim em Buritis, Minas Gerais.

O novo do texto é o que será contado pela voz da

cangaceira Maria Bonita, companheira de Lampião em seu banditismo social, como forma de empoderamento da voz feminina naqueles tempos de agruras, e também da necessidade de se firmar essa voz em tempo presente.

O texto pretende ainda valorizar a cultura e a coragem dos povos latino-americanos. Para tal, a autora pretende trazer à baila a história de Lampião, possibilitando um avanço nas leituras das memórias e no resgate da tradição oral, com ênfase em texto simbólico e intersemiótico para perpetuar o mito, a tradição, o resgate da oralidade, a prática de escrita criativa e a compreensão leitora de momentos específicos da historiografia e literatura brasileiras.



fotos: Iêda Vilas-Bôas

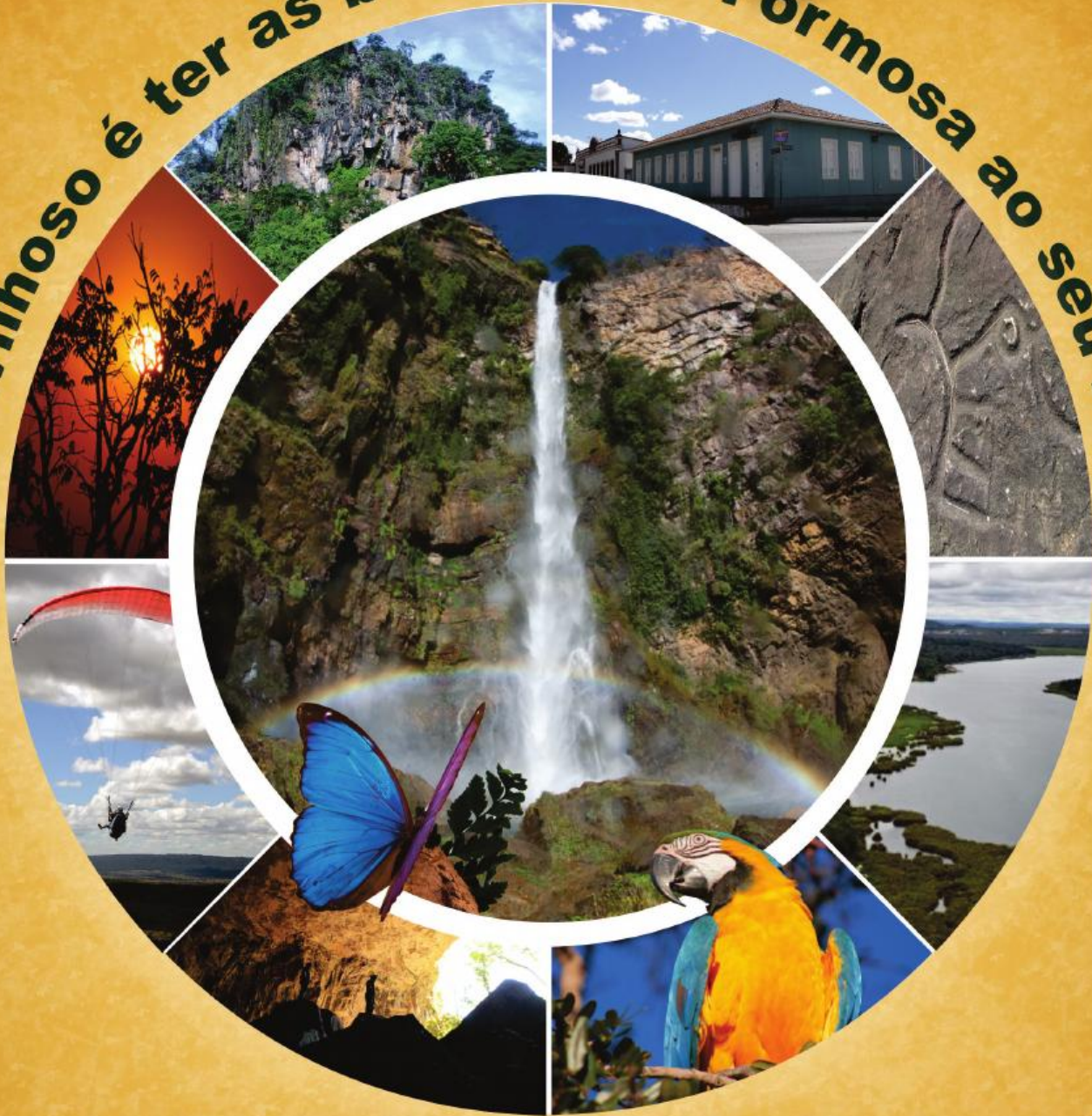
Projeto Leiturégua

A professora Nilva Belo percorre cidades, estados, e também irá para o México apresentando seu trabalho. Com livros gigantes, uma égua cheia de laços e uma carroça toda enfeitada, a professora canta e encanta para atrair as crianças da região.

Ao ouvir as canções e o trote do cavalo, a curiosidade cede lugar a um amontoado de crianças, sedentas por suas histórias. A professora pesquisa, concebe e cria fantasias, livros e personagens.

O sucesso da carroça literária e do Projeto Leiturégua ganha espaço, e Nilva realizou em outubro, dias 10 e 11, em Olhos d'Água, Goiás, a I Trilha de Contadores e Encantadores de Histórias.

Maravilhoso é ter as belezas de Formosa ao seu redor



Secretaria Municipal de
Turismo



PREFEITURA DE
Formosa
Construindo uma vida melhor



"A GENTE É QUE FAZ
ELA (A VIDA)
SER BOA OU RUIM.
SÓ DEPENDE DA GENTE
SABER VIVER."

SINHÁ LOBO



ENCANTOU-SE, A DONA SINHÁ

Marcelo Abreu

Católica praticante, Maria Augusta Lobo andou preocupada com a mudança do papa na Igreja. A renúncia de Bento XVI a deixou angustiada. "Será que foi perseguição?", perguntou ela a uma das netas. E emendou: "Tomar conta do mundo inteiro não deve nada ser fácil. Vamos torcer para que dê tudo certo com o Papa Francisco". Mulher atenta, sabia tudo o que se passava ao seu redor. E isso vinha de muitos, muitos anos. Maria Augusta nasceu no

comezinho do século passado. Viveu todo o século 20. E chegou ao 21 com memória de menina peralta. Março, 22, ela completou 109 anos. Melhor repetir: 109. Os 109 marços de dona Sinhá. No início de agosto, a mulher mais idosa do Entorno goiano e do Distrito Federal morreu, em casa, quietinha, depois de um suspiro profundo. Sinhá morreu de tanto viver. Encantou-se.

O que ela achava da idade? "Já isso tudo, meu Deus?", espantava-se. Mulher

simples, não se reconhecia no próprio nome, que julgava pomposo demais. Preferia ser chamada de dona Sinhá, que tinha mais a ver com afeto, com colo. A cidade inteira a chamava de Sinhá. Ela foi única. E foi, certamente, a moradora mais ilustre de Formosa (GO), distante 80 km de Brasília.

Dona Sinhá agarrou-se à vida com gosto de viver. Toda a história dela poderia ser contada como se fosse um conto. Um conto bom, daqueles que, quando se



chega ao fim, é bom voltar e começar tudo de novo. Decidida, sempre soube o que queria fazer. E como conduziria a própria vida. Aos 16 anos, casou-se com Jonas Lobo, moço quatro anos mais velho. Juraram amor eterno. Tiveram seis filhos. E, todo dia, quando ele chegava da rua, lhe trazia flores.

Único amor

Mas o destino não quis que essa história fosse muito longe. Aos 35 anos, Jonas, o amor de Sinhá, morreu de tuberculose. Sinhá chorou choro de dor e amor. E jurou que, dali pra frente, cuidaria apenas dos filhos. Enlutou-se. Vestiu preto por 33 anos. "Ele foi o primeiro e único homem que amei na vida", repetia, com olhar ainda apaixonado. Na sala da casa centenária, Jonas, na parede, acompanhou os passos da amada. "É a foto dele. O Jonas era muito bonito", suspirava a mulher de 109 anos.

Mas a vida precisou seguir. Dona Sinhá engoliu o choro. Segurou a dor. Havia seis filhos para criar. Era 1938. Viúva aos 30 e poucos anos, mesmo vestida de preto e engolindo o choro de saudade do seu eterno Jonas, foi trabalhar fora (o que era impensável para a mulher dos anos 1930, do início do século passado). O juiz da cidade a nomeou escritã do cartório. E assim nasceu a primeira escritã de Formosa, com letra bordada do curso primário do Colégio.

Por décadas, registrou os nascimentos, os casamentos, as certidões de morte do povo de Formosa. E evitou que muitos pais colocassem nomes estranhos nos seus filhos. Quando havia alguma sonoridade duvidosa, esquisita, ela aconselhava o





pai que não seria bom para a criança. Sempre conseguiu demovê-lo da ideia.

Jonas devia sentir um orgulho danado da mulher que a sua Sinhá havia de tornado. D. Sinhá, que foi apaixonada a vida inteira, falava dele com carinho imenso. Durante 17 anos, ele a fez a mulher mais feliz do mundo. Inundava a casa com as orquídeas de que tanto a amada gostava. Até morrer, ela eternizou o cheiro na sua memória. Sempre havia orquídeas e rosas pela casa.

Exemplo de vida

Dona Sinhá protegeu a família com força de leoa. Fez todos os filhos estudarem. E de uma coisa ela nunca abriu mão: que todos fossem à missa aos domingos. Devota de Nossa Senhora e do Sagrado Coração de Jesus, dona Sinhá creditava à fé a superação da dor da perda do marido. "Foi o que me fez seguir", ela admitia. A neta Augusta Lobo, 59 anos, que dona Sinhá chamava de Netinha, emenda: "A fé fez minha avó viver tanto".

Dos seis filhos de dona Sinhá, apenas as duas mais velhas estão vivas: Edna, de 90 anos, e Elza, 88. E, sempre, mesmo adultas, pediam-lhe conselhos. Elza se diz feliz e privilegiada por ter tido, aos 88 anos, uma mãe. "Foi uma bênção", emociona-se.

Preocupada com a violência que assola até mesmo a antes pacata Formosa – hoje com pouco mais de 100 mil habitantes –, dona Sinhá dava bronca em Edna, quando descobria que ela andava caminhando sozinha pelas ruas: "Já disse pra essa menina ter cuidado. Formosa não é mais a mesma". Edna ouvia. Prometia não fazer traquinagem. Peralta, voltava

a andar sozinha. Edna adora bater perna, andar pela Praça Rui Barbosa, ir à feira. Dona Sinhá nem sonhava...

Memória e Esperança

Há três anos, uma queda e a conseqüente fratura do fêmur levaram dona Sinhá a uma cadeira de rodas. Mas isso foi apenas um detalhe. Ela continuou dando conta de tudo – do que se passava dentro de casa e no mundo. É ali, na Rua Herculano Lobo, 232, (boa parte das ruas de Formosa leva o nome da família, que foi uma das primeiras habitantes

"AS PESSOAS NÃO
MORREM. FICAM
ENCANTADAS.
GUIMARÃES ROSA

da região), onde morou por mais de 90 anos, que ela acompanhou a vida. Foi uma observadora atenta.

Dona Sinhá nunca se perdeu dela mesma. Sua casa foi sempre um ponto de encontro. Das duas filhas vivas, dos 25 netos, dos 54 bisnetos e dos 28 tetranetos. Sabia o nome de cada um. Se faltava algum, queria logo saber por que não foi. Dona Sinhá nunca perdeu as rédeas da vida. E isso sem arrogância ou voz alterada.

Aos 109 anos, com lucidez invejável e sem doença crônica – o diabetes passou longe, embora a hipertensão arterial tenha lhe dado sustos nos tempos derradeiros –, dona Sinhá comandava o próprio caminho. Sabia de tudo que se passava ao seu redor. Não perdeu o rumo. Tinha o controle das emoções e dos

pensamentos.

Dizia, com sabedoria peculiar: "Nunca fiz nada de errado. Não aceito que as pessoas venham tripudiar de mim". Centenária, quando a vida parecia não ter mais novidades, ela continuava a fazer amigos. Os mais recentes foram monges que chegaram à cidade. Eles chamavam-na carinhosamente de Vó Sinhá. Visitavam-na quase todos os dias. Conversavam, falavam da vida, de religião, dos problemas do mundo. Mas, inquieta, ela só desejava uma coisa: sair daquela cadeira de rodas. Pra quê? Ela respondia, com sorriso maroto: "Pra fazer doce de ambrosia pros meus amigos monges".

Enquanto não levantou da cadeira de rodas, foi organizando a vida com as suas pernas emprestadas. Todo santo dia, antes do almoço, tomava seu cálice de vinho. Era sagrado. Adorava pequi. E não dispensava uma boa carne de porco.

À noite, não jantava. Tomava uma vitamina ou um copo com leite. Dona Sinhá não sabia o que é gripe havia muito tempo, para a alegria e o espanto do clínico Sebastião Rezende, o médico e amigo por quase 50 anos.

Mulher Coragem

Foi ali, naquela mesma casa, que a família sempre recorreu à matriarca, quando queria ouvir uma palavra certa, um conselho. Dona Sinhá era sábia. Ouvia e dizia o que pensava. Até com as duas cuidadoras em tempo integral (depois da cadeira de rodas, passou a contar com o cuidado de duas moças). Certa vez, uma delas estava com pressa para sair. Dona Sinhá só observou a movimentação.

Quando a moça foi embora, ela sapecou: "Tava doida

pra ir namorar na praça". Gargalhada geral de quem ouviu o comentário. Quando se perguntava pra ela qual o segredo de tanta vida, de tanto otimismo, dona Sinhá não hesitava: "A gente é que faz ela (a vida) ser boa ou ruim. Só depende da gente saber viver". E foi assim, com essa sabedoria não aprendida nos livros, que a mulher de 109 anos conduziu cada passo de sua fé inabalável. Dona Sinhá pediu a Deus, todos os dias, que nunca caducasse. Ele atendeu. Por que o pedido tão insistente? "Pra gente ter alguma utilidade na vida, meu filho", explicava.

A vida a testou. Ela aceitou o desafio. E se tornou uma mulher que comandou uma família inteira. Edna, a filha mais velha, aquela que ainda levava broncas da mãe depois dos 80 anos, não se cansava de elogiar: "O que me encantava nela era a determinação. Sempre foi assim. Sempre soube o que quis". Augusta, filha de

Edna, define a avó: "Ela era coragem, força e fé. É assim que vou vê-la para sempre".

O bisneto Rodrigo Bittar, de 42 anos, definiu: "Conviver com uma pessoa como vó Sinhá foi ter contato com a história real em carne e osso. E o mais interessante foi poder apresentar essa vivência ao meu filho de 6 anos, que se encantava quando conversava com ela, como se fosse fantasia".

A neta Myriam Margareth Lobo Benini, de 49 anos, que morava com ela, e acompanhava diariamente as histórias, as emoções e os pequenos sustos da avó, fala, extasiada: "Até antes de morrer, minha avó se levantava perguntando se as roseiras já tinham florido. Será para sempre uma grande lição de vida". Isabela Lobo Turra, tetraneta de 15 anos, é só elogios à dona Sinhá: "Com o passar dos anos, ela conseguiu ficar ainda mais maravilhosa. Aprendi sempre com seus ensinamentos".

A família inteira reverenciava os ensinamentos de dona Sinhá. Em cada aniversário dela, estavam todos lá – dos mais novos aos mais velhos. Cantando juntos os parabéns à mulher que escreveu essa linda história.

Tim-Tim, dona Sinhá!

No último aniversário, em março, o que desejar para a mulher que completava 109 anos? Mais vida? Mais luz? Mais sabedoria? Mais lucidez? Mais aniversários? Tudo isso foi desejado. Estar perto dela, ouvir suas histórias e sorver sua inteligência foi uma dádiva. A festa dos 109 anos foi dela, mas o presente foi de todos que tiveram o privilégio de desfrutar de sua sábia, forte e determinada trajetória.

Tim-tim, dona Sinhá! Com uma taça de vinho, claro, a sua bebida preferida. Um brinde à longa vida. À avó que não morreu. Apenas está encantada.





SAÚDE E AS QUATRO ESTAÇÕES

Daniel Caltabiano

De acordo com os Princípios de Medicina Interna do Imperador Amarelo, de Bing Wang:

PRIMAVERA

No período dos três meses da primavera é que se encontra o momento apropriado de nascimento e expansão.

VERÃO

O período de três meses do verão é chamado de estação do florescimento em que todas as coisas vivas no mundo são prósperas e bonitas.

OUTONO

Nos três meses de outono, as formas de todas as coisas vivas na terra se tornam naturalmente maduras e prontas para a colheita.

INVERNO

Nos três meses de inverno, a maioria das coisas se oculta para se proteger do frio.

Os sábios conhecem os "comos e os porquês" da variação do Yin e do Yang, portanto podem evitar doenças sob o condicionamento de súbitas mudanças ambientais. Se a lei de variação das energias Yin e Yang for violada pelas pessoas, irão ocorrer doenças com frequência. Quem conseguir manter-se bem adaptado/a a essa lei conseguirá preservar a saúde.

Você sabe em que estação do ano estamos? Sabe quando ela começa ou termina? Sabe como as plantas e os animais se comportam nesse período? Provavelmente muito poucos responderão sim a essas perguntas, o que não haveria de ser motivo para espanto.

O estilo de vida que se cultiva comumente não nutre o contato com os ciclos naturais que estão acontecendo à nossa volta. Criam-se ambientes artificialmente climatizados, fazendo dia da noite e inverno do verão, que desligam as pessoas completamente do andamento natural das coisas. Seja inverno ou verão, temporada seca ou úmida, vive-se praticamente no mesmo ritmo, alimenta-se da mesma maneira, como se não houvesse diferença.

O equinócio dos dias 22 e 23 de setembro marca o início da estação da Primavera no hemisfério sul. É um período de nascimento e expansão, no qual todas as coisas vivas no mundo florescem e adquirem

uma atmosfera dinâmica nova. E o ser humano, que não deixa de ser coisa viva nesse universo, não poderia nunca ser excluído desse ciclo.

Viver em consonância com o florescer da Primavera significa não violentar a faculdade do crescimento, favorecer a vida e não matar, contribuir e não perverter, premiar e não punir. Movimentar-se com a Primavera significa exercitar livremente os tendões e músculos, caminhar cedo pela manhã para receber o sol e respirar o ar fresco e puro, deixar os cabelos soltos para que o corpo fique confortável com a energia da estação.

Mas as madeiras e os matadouros não diminuem o ritmo. As escolas não mudam suas atividades. E nos escritórios, pernas imóveis, ombros e pescoços duros permanecem invariáveis à estação. E o sol primaveril, quem viu nascer? Só o sabiá, que cantou sem ser ouvido.

O ritmo dos seres humanos segue sem freio, subjugando o que vier à frente. E as pessoas adoecem, tornam-se cronicamente disfuncionais, dependem de drogas para viver sem dor, dependem de distrações para viver sem sofrimento. Muito se investe em tecnologia e mentes brilhantes para se estudar a microscopia das doenças raras quando, talvez, a chave para a saúde, para a felicidade e para o bem-estar esteja na simplicidade da vida em harmonia.



foto: shutterstock

POLÍTICA NACIONAL DE RESÍDUOS SÓLIDOS

Janaina Faustino

A **Política Nacional** de Resíduos Sólidos (PNRS), regulamentada por legislação federal – Lei nº 12.305, de 2 agosto de 2010 –, representa uma estratégia inovadora para atacar um dos problemas mais graves das sociedades humanas – o lixo urbano.

Resultado de amplo diálogo entre governos, empresas e movimentos sociais, a PNRS tem por princípio a responsabilidade compartilhada pelo ciclo de vida dos produtos e pelo manejo dos resíduos sólidos. A PNRS fomenta a reciclagem, impulsiona o retorno dos produtos às indústrias após o consumo e obriga o poder público a elaborar planos

para o gerenciamento do lixo.

Ou seja, fabricantes, importadores/as, distribuidores/as, comerciantes, titulares dos serviços públicos de limpeza urbana, consumidores/as e cada qual de nós, cidadãos e cidadãs, somos responsáveis por zelar pelo cumprimento dos objetivos da PNRS, que são:

- Não-geração, redução, reutilização e tratamento de resíduos sólidos;
- Destinação final ambientalmente adequada dos rejeitos;
- Diminuição do uso dos recursos naturais (água e energia, por exemplo) no processo de produção de novos produtos;
- Intensificação de ações

de educação ambiental;

- Aumento da reciclagem no país;
- Promoção da inclusão social;
- Geração de emprego e renda para catadores e catadoras de materiais recicláveis.

Um avanço fundamental da PNRS é a inclusão dos catadores e catadoras de materiais recicláveis como protagonistas das políticas de manejo dos resíduos sólidos. Ao exigir a participação desses agentes, organizados em associações ou cooperativas, a PNRS consagra o viés social da Reciclagem nas políticas públicas de gestão ambiental no Brasil.

O QUE MUDA COM A LEI

ANTES



PODER PÚBLICO

Pouca prioridade para a questão do lixo urbano



Municípios devem traçar um plano para gerenciar os resíduos da melhor maneira possível, buscando a inclusão dos catadores

A maioria dos municípios destinava os dejetos para lixões a céu aberto



Lixões passam a ser proibidos e devem ser erradicados até 2014, com a criação de aterros que sigam as normas ambientais

Sem aproveitamento dos resíduos orgânicos



Municípios devem instalar a compostagem para atender a toda a população

Coleta seletiva ineficiente e pouco expressiva



Prefeituras devem organizar a coleta seletiva de recicláveis para atender toda a população, fiscalizar e controlar os custos desse processo

Falta de organização



Municípios devem incentivar a participação dos catadores em cooperativas a fim de melhorar suas condições de trabalho

EMPRESAS



Inexistência de regulação sobre os investimentos privados na administração de resíduos



Legislação prevê investimentos das empresas no tratamento dos resíduos

Poucos incentivos financeiros



Novos estímulos financeiros para a reciclagem

Desperdício de materiais e falta de processos de reciclagem e reutilização



A reciclagem estimulará a economia de matérias-primas e colaborará para a geração de renda no setor

Sem regulação específica



Empresas apoiam postos de entrega voluntária e cooperativas, além de garantir a compra dos materiais a preços de mercado

CATADORES/AS



Manejo do lixo feito por atravessadores, com riscos à saúde



Catadores deverão se filiar a cooperativas de forma a melhorar o ambiente de trabalho, reduzir os riscos à saúde e aumentar a renda

Predominância da informalidade no setor



Cooperativas deverão estabelecer parcerias com empresas e prefeituras para realizar coleta e reciclagem

Problemas tanto na qualidade como na quantidade dos resíduos



Aumento do volume e melhora da qualidade dos dejetos que serão reaproveitados ou reciclados

Catadores sem qualificação



Os trabalhadores passarão por treinamentos para melhorar a produtividade

POPULAÇÃO



Separação inexpressiva de lixo reciclável nas residências



População separará o lixo reciclável na residência

Falta de informações



Realização de campanhas educativas sobre o tema

Atendimento da coleta seletiva pouco eficiente



Coleta seletiva será expandida



CATADORES/AS: INCLUSÃO E CIDADANIA

fotos: Amanda Lima

“São princípios da Política Nacional de Resíduos Sólidos: (...) integração dos catadores de materiais reutilizáveis e recicláveis nas ações que envolvam a responsabilidade compartilhada pelo ciclo de vida dos produtos” (Cap. II, art. 6º, XII)

“(...) o titular dos serviços públicos de limpeza urbana e de manejo de resíduos sólidos priorizará a organização e o funcionamento de cooperativas ou de outras formas de associação de catadores (...) formadas por pessoas físicas de baixa renda, bem como sua contratação” (Cap. III, art. 36, VI)

ANTES

Exploração por atravessadores e riscos à saúde

- Informalidade
- Problemas de qualidade e quantidade dos materiais
- Falta de qualificação e visão de mercado



DEPOIS

Catadores reduzem riscos à saúde e aumentam renda em cooperativas

- Cooperativas são contratadas pelos municípios para coleta e reciclagem
- Aumenta a quantidade e melhora a qualidade da matéria prima reciclada
- Trabalhadores são treinados e capacitados para ampliar produção

Catadores em ascensão no País*



* Autônomos e cooperativados

Fonte: Cempre, 2010



COLETA SELETIVA CIDADÃ E SOLIDÁRIA

O modelo inclusivo de Luziânia

Amanda Lima

Um dos modelos mais inovadores de inclusão cidadã e solidária de catadores e catadoras em processos de coleta seletiva no Planalto Central é a experiência de Luziânia, município goiano localizado a cerca de 70 km de Brasília.

Em Luziânia, o poder público municipal, por determinação do prefeito Cristóvão Tormin, fomentou, incubou e contratou os serviços da Cooperativa Recicla Cooperluz, formada essencialmente por catadores/as e pequenos empreendedores/as da cadeia produtiva da reciclagem, para executar o processo de implantação da Coleta Seletiva no município.

O processo de incubação da Cooperativa Recicla Cooperluz seguiu o mesmo modelo desenvolvido e testado com sucesso pelo Instituto Itiquira, com o apoio da Fundação Banco do Brasil, em Formosa, Goiás. Esse modelo consiste em resgatar e organizar os catadores e catadoras das ruas e do lixão para se tornarem, por meio da Cooperativa, prestadores de serviço da Coleta Seletiva.

Ao assegurar aos 60 catadores e catadoras do Aterro Sanitário o direito à ocupação, ao trabalho e a uma renda mínima, a Prefeitura Municipal de Luziânia criou as condições objetivas para a qualificação dos trabalhadores

e trabalhadoras da reciclagem e, conseqüentemente, para a sua organização formal em uma Cooperativa de Catadores/as.

A Cooperativa Recicla Cooperluz conseguiu, finalmente, realizar sua Assembleia de Fundação em 14 de dezembro de 2013. Em 04 de fevereiro de 2014, recebeu das autoridades do estado de Goiás o seu registro legal.

“Lutamos por esse sonho mais de cinco anos, sempre com muita dificuldade, e só agora conseguimos fazer nossa Cooperativa organizar a nossa luta. Hoje temos nosso Galpão, nosso trabalho, e nossa Coleta Seletiva. Estamos muito felizes”, disse Rafael Vieira, presidente da Recicla Cooperluz, durante a Cerimônia de Lançamento da

Coleta Seletiva, na manhã de 19 de agosto de 2014.

A Cooperativa Recicla Cooperluz mantém contrato de prestação de serviços em caráter experimental com a Prefeitura Municipal até dezembro de 2014. O projeto emprega cerca de 400 trabalhadores e trabalhadoras de Reciclagem.

“Estou muito confiante nos resultados dessa parceria. Esperamos não só cumprir a legislação ambiental, mas principalmente gerar emprego, renda e possibilidade de uma vida mais digna para as pessoas que antes viviam abandonadas no meio do lixo. Hoje elas são produtoras de riquezas e nos ajudam a manter a cidade limpa”, diz o prefeito Cristóvão Tormin.





A PREFEITURA FAZ O MELHOR PRA GENTE!

A prefeitura municipal de Águas Lindas de Goiás está realizando uma das mais ousadas frentes de obras urbanas em um município goiano de uma só vez. O que corresponde a quase metade da cidade envolvida em uma frente de trabalho que vai mudar para sempre e para melhor a vida das pessoas, trazendo mais qualidade de vida para a sexta maior população do Estado.

Águas Lindas de Goiás vive uma grande transformação, um momento histórico ao completar apenas 19 anos.

São obras completas de asfalto e saneamento básico em vários setores da cidade.

Galerias de águas pluviais, interceptadores de esgoto, redes de esgoto, unidades de estação elevatória de esgoto, terraplanagem, mais de um milhão de metros quadrados de asfalto, meios-fios e calçadas.

Mais obras, mais qualidade de vida



**PREFEITURA
DE ÁGUAS LINDAS DE GOIÁS**

ÉTICA E RESPONSABILIDADE SOCIAL

www.aguaslindasdegoias.go.gov.br



ACES SIBI LIDA DE

POR QUÊ?
PARA QUEM?

Lúcia Resende

Resposta:

• Diante de um degrau, você sobe facilmente?

• Em um lugar público, você se acomoda bem nos assentos disponíveis?

• Diante de uma lixeira ou algum outro obstáculo, numa calçada, consegue se desviar?

• Ao sinal de alerta em uma fila de banco, por exemplo, você se dirige rapidamente ao local da chamada?

• Ao chegar a uma loja, você consegue dizer o que quer?

• Num semáforo, atravessa a rua com segurança?

Se você respondeu afirmativamente a todas as questões, é sinal de que tem facilidade de locomoção, fala, vê e ouve bem. Mas nem todas as pessoas são assim! O que é atividade corriqueira para você pode ser obstáculo intransponível para outra pessoa.

Já imaginou como as situações acima podem ser complicadas para uma pessoa com alguma deficiência, uma

e vir seja assegurado a todos e a todas.

Garantir acessibilidade exige eliminar barreiras.

“

Acessibilidade é um direito de toda pessoa, com ou sem deficiência. Garantir acessibilidade é obrigação do Estado, mas também de cada indivíduo.

”

pessoa idosa, obesa ou de baixa estatura? E ainda para quem conduz um carrinho de bebê ou para uma gestante? A legislação brasileira vem sendo aprimorada desde a década de 1980, mais intensamente a partir da Constituição Federal de 1988 e, com o Decreto-Lei nº 5.296/04, estabelece, de modo claro e inequívoco, as regras para que o direito de ir

Isso requer sensibilidade, conscientização e, principalmente, determinação conjunta.

É necessário e urgente desconstruir não só as barreiras arquitetônicas, as barreiras tecnológicas, mas, sobretudo, as atitudinais, alicerçadas em uma cultura equivocada, de raízes seculares.

Que tal pensar nisso e fazer a sua parte?





VALORIZAR É COMPRAR AQUI!



Dê preferência por quem valoriza nossa cidade, na hora de comprar, escolha empresas com este selo e contribua com o desenvolvimento de Valparaíso de Goiás.

COMÉRCIO FORTE, CIDADE DESENVOLVIDA.

Para fazer bons negócios em Brasília,
Brasília precisa conhecer você.

Para Brasília conhecer você,
Um bom começo é anunciar aqui.



www.xapuri.info